

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Thaís Magalhães de Oliveira

A concordância verbal em estruturas partitivas: passado e presente

Mariana - MG

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Thaís Magalhães de Oliveira

A concordância verbal em estruturas partitivas: passado e presente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre.
Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória Cultural.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Soélis Teixeira do Prado Mendes.

Mariana - MG

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48a Oliveira, Thaís Magalhães de .
A concordância verbal em estruturas partitivas [manuscrito]: passado e presente. / Thaís Magalhães de Oliveira. - 2021.
90 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Concordâncias. 2. Expressão. 3. Linguística histórica. 4. Análise do discurso. I. Mendes, Soélis Teixeira do Prado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 81'367

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Thaís Magalhães de Oliveira

"A concordância verbal em estruturas partitivas: passado e presente"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 24 de setembro de 2021

Membros da banca

Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Alexia Teles Guimarães Duchowny - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Profa. Dra. Andreia Almeida Mendes - Centro universitário Unifacig

Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 24/09/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Soelis Teixeira do Prado Mendes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2021, às 08:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0224938** e o código CRC **4BBDFC35**.

Agradecimentos

Esta pesquisa resulta não apenas do esforço individual que investi, mas, também, do apoio e colaboração de várias pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, antes de mais nada, cabe a mim homenageá-las e expressar minha gratidão nas mais sinceras palavras.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente à professora Dra. Soélis Mendes, minha orientadora e amiga, pela pessoa e profissional que é, que, por muitas vezes, abriu mão de seu descanso para me ajudar. Obrigada por ter despertado em mim o gosto pela Linguística, pela excelente orientação e por todo o carinho, leveza e paciência nessa jornada. Sem seus ensinamentos nada disso teria sido possível.

Agradeço, também, aos meus pais, por desejarem sempre o melhor para mim, por tudo que fizeram para eu chegar até aqui e pelo apoio e amor incondicionais. Aos meus irmãos, pelo companheirismo de sempre. E aos tios e avós, pelo grande incentivo.

Minha gratidão mais que especial a Jéssica, Rafa, Samuel, Suellen e Zozo, que tanto são para mim, mesmo apesar da distância. Vocês são meu porto seguro e, por vocês, sei que nunca estou sozinha.

Um grande obrigado à minha eterna casinha em Mariana: Carol, Ivan e Malu, por terem deixado tudo tão mais agradável e prazeroso. Dividir a vida com vocês foi incrível e vocês moram no meu coração.

Aos amigos do Porto: Carol, Deborah e Leo, pela conexão incrível que sempre tivemos mesmo à distância.

Agradeço aos queridos amigos que a era UFOPiana me proporcionou e que levo comigo: Gabriel e Gio.

Por fim, aos meus amigos de longa data: Estrela, Gui, Moisa, Ricardo e Tays, pelos anos de amizade e momentos de alegria.

Vocês tornaram o sonho possível!

*“Desistir... eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério;
é que tem mais chã nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas,
mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros,
mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.” (SOUZA, 1989).*

Resumo

Esta pesquisa se propõe a verificar como se comporta a concordância verbal do ponto de vista diacrônico. Por ser uma pesquisa de caráter histórico, foi necessário fazer análises sincrônicas para, num segundo momento, compará-las. Para tanto, apoiamos-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Histórica. As expressões partitivas possuem dupla possibilidade de concordância sujeito-verbo no Português Brasileiro contemporâneo, a saber: verbo no singular, concordando com o núcleo do SN sujeito, e verbo no plural, concordando com o SN plural que faz parte do SN₂, segundo regras das gramáticas normativas (CUNHA, CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1994, 2011; BECHARA, 2009). Devido à existência dessa dupla possibilidade, esta pesquisa pretende verificar: i) existe, no português brasileiro (PB) escrito contemporâneo, alguma preferência de concordância? ii) e qual seria o comportamento do verbo em estruturas desse tipo na língua portuguesa do século XIX, haveria essa mesma regra? Com base em Rodrigues (2005), acreditamos que, no PB contemporâneo, existe a tendência de o verbo ficar no singular. Já para a Língua Portuguesa do século XIX, acreditamos que a tendência também seja essa, ou seja, a de que o verbo concorde com o núcleo do SN no singular. Para verificarmos se nossa hipótese estava adequada, foi preciso analisar separadamente o *corpus* representativo de cada um dos períodos escolhidos para essa análise, compará-los e verificar se esses *corpora* indiciam ou não uma tendência em relação à concordância verbal nas estruturas partitivas. Para compor o *corpus* do PB contemporâneo, decidimos pelos jornais de maior circulação em Minas Gerais: *Estado de Minas* e *O Tempo*; para o *corpus* relativo ao passado, foram escolhidos os jornais *O Universal* e *Diário de Minas*. Como resultado, verificamos que, em ambos os séculos analisados, há uma preferência pela concordância verbal com o núcleo do SN₁ em detrimento da concordância com o núcleo do SN₂, como previsto em nossa hipótese.

Palavras-chave: Concordância Verbal, Expressões Partitivas, Linguística Histórica, Gêneros do Discurso Jornalístico.

Abstract

This research aims to verify how verbal agreement behaves by the diachronic point of view. As it is a research of historical character, it was necessary to make synchronic analysis and then compare them. To do so, we used the theoretical assumptions of Historical Linguistics. The partitive expressions have a double possibility of subject-verb agreement on the contemporary Brazilian Portuguese: singular verb agrees with the nucleus of the SN₁, and plural verb agrees with the nucleus of the SN₂, according to normative grammar rules (CUNHA and CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1994, 2011; BECHARA, 2009). Due to the existence of this double possibility, this research intends to verify i) is there any agreement preference in contemporary written Brazilian Portuguese? ii) and what would be the behavior of the verb in structures of this type in the Portuguese language of the 19th century, would it be the same rule? According to Rodrigues (2005), we believe that, in contemporary Brazilian Portuguese, there is a tendency of the verb to remain singular. As for the Portuguese language of the 19th century, we believe that the tendency would be the same. In order to verify whether our hypothesis was right, it was necessary to analyze separately the representative *corpus* of each one of the periods chosen for this analysis, compare them and then verify whether this *corpus* indicates a tendency in relation to verbal agreement in partitive structures. To compose the *corpus* of the contemporary BP, we decided on the newspapers with the largest circulation in Minas Gerais: *Estado de Minas* and *O Tempo*; for the *corpus* relating to the past, we chose the newspapers *O Universal* and *Diario de Minas*. As a result, we verified that, in both analyzed centuries, there is a preference for verbal agreement with the nucleus of the SN₁, as foreseen in our hypothesis.

Keywords: Verbal agreement, partitive expressions, historical linguistics, journalistic discourse genres.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Expansão do SN	36
Figura 2: Proposta para análise da estrutura interna do sintagma nominal.	37
Figura 3: Esquema da descrição interna do SN por Mateus et al. (1983).....	39
Figura 4: Descrição do SN máximo	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrência de concordância nos jornais do século XIX.....	81
Gráfico 2: Ocorrência de concordância nos jornais do século XXI.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Funções dos elementos do SN	35
Quadro 2: Funções dos elementos das áreas direita e esquerda do NSN	58
Quadro 3: Análise da ocorrência 1	59
Quadro 4: Análise da ocorrência 2	59
Quadro 5: Análise da ocorrência 3	60
Quadro 6: Análise da ocorrência 4	60
Quadro 7: Análise da ocorrência 5	61
Quadro 8: Análise da ocorrência 6	62
Quadro 9: Análise da ocorrência 7	62
Quadro 10: Análise da ocorrência 8	63
Quadro 11: Análise da ocorrência 9	63
Quadro 12: Análise da ocorrência 10	64
Quadro 13: Análise da ocorrência 11	64
Quadro 14: Análise da ocorrência 12	65
Quadro 15: Análise da ocorrência 13	66
Quadro 16: Análise da ocorrência 14	66
Quadro 17: Análise da ocorrência 15	67
Quadro 18: Análise da ocorrência 16	67
Quadro 19: Análise da ocorrência 17	68
Quadro 20: Análise da ocorrência 18	69
Quadro 21: Análise da ocorrência 19	69
Quadro 22: Análise da ocorrência 20	70
Quadro 23: Análise da ocorrência 21	70
Quadro 24: Análise da ocorrência 22	71
Quadro 25: Análise da ocorrência 23	71
Quadro 26: Análise da ocorrência 24	72
Quadro 27: Análise da ocorrência 25	73
Quadro 28: Análise da ocorrência 26	73
Quadro 29: Análise da ocorrência 27	74
Quadro 30: Análise da ocorrência 28	74
Quadro 31: Análise da ocorrência 29	75
Quadro 32: Análise da ocorrência 30	76
Quadro 33: Análise da ocorrência 31	76
Quadro 34: Análise da ocorrência 32	77
Quadro 35: Análise da ocorrência 33	77
Quadro 36: Análise da ocorrência 34	78
Quadro 37: Análise da ocorrência 35	78
Quadro 38: Análise da ocorrência 36	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Concordância do verbo com o núcleo do SN ₁ – verbo no singular - Século XIX	80
Tabela 2: Concordância do verbo com o núcleo do SN ₂ – verbo no plural - Século XIX	81
Tabela 3: Concordância do verbo com o núcleo do SN ₁ - verbo no singular - Século XXI	82
Tabela 4 : Concordância do verbo com o núcleo do SN ₂ - verbo no plural - Século XXI.....	83

Sumário

Introdução.....	13
Capítulo 1 - Sobre os <i>corpora</i> da pesquisa e o uso da norma padrão	18
1.1 A norma padrão em periódicos.....	18
1.1.1 – Sistema, norma e falar	18
1.1.1.2 A norma padrão x norma culta	19
1.2 Sobre os gêneros textuais: o jornal.....	23
1.3. Jornal <i>O Universal</i>	25
1.4. Jornal <i>Diario de Minas</i>	27
1.5. Jornal <i>Estado de Minas</i> :.....	28
1.6. Jornal <i>O Tempo</i> :.....	29
Capítulo 2 – Referencial Teórico	31
2.1 A Linguística Histórica.....	31
2.2 A descrição da estrutura interna do sintagma nominal	34
2.2.1 A descrição da estrutura interna do SN (Perini, 2005)	34
2.2.2 A descrição da estrutura interna do SN (Mateus et al. (1983).....	37
2.3 Como as gramáticas e estudos linguísticos analisam a concordância verbal em construções partitivas	41
2.3.1 A concordância verbal em estruturas partitivas segundo gramáticas.....	41
2.3.1.1 Gramáticas Normativas Contemporâneas	41
2.3.2 Gramáticas Normativas do século XIX	43
2.3.2.1 Júlio Ribeiro (1885).....	43
2.3.2.2 Thomaz da Silva Brandão (1888)	44
2.3.3 Gramáticas Históricas.....	45
2.3.3.1 Carlos Eduardo Pereira (1923)	45
2.3.3.2 Manuel Said Ali Ida (1971)	46
2.3. Os estudos linguísticos e a concordância verbal em estruturas partitivas	47
Capítulo 3 - Apresentação e análise de dados	57
3.1 Descrição da estrutura interna do sintagma nominal em dados que foram coletados nos <i>corpora</i> da pesquisa	57
3.1.1 Análise da estrutura interna de dados extraídos de jornais do século XIX	57
3.1.2 Análise da estrutura interna de dados extraídos de jornais do século XXI	65

3.2. Análise quantitativa dos dados coletados	80
Considerações finais	85
Referências	86

Introdução

A concordância verbal tem sido objeto de diversos estudos nos últimos anos, tanto em abordagens variacionistas (SOUZA 2005; GAMEIRO, 2009; BENFICA, 2016; RAMOS, 2019), como em gerativistas (SANDOVAL, 2018). Tais análises priorizam o aspecto sincrônico da língua, e nossa proposta é verificar como se comporta esse mesmo fenômeno do ponto de vista diacrônico. No entanto, para realizar uma pesquisa de caráter histórico, foi necessário fazer análises sincrônicas para, num segundo momento, compará-las. Por isso, objetivamos fazer um levantamento desse tipo de estrutura em jornais do século XIX e compará-lo a jornais do século XXI, e, para tanto, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Histórica.

As expressões partitivas, sendo elas *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e equivalentes, possuem dupla possibilidade de concordância sujeito-verbo no Português Brasileiro contemporâneo, a saber: verbo no singular, concordando com o núcleo do SN sujeito, e verbo no plural, concordando com o SN plural que faz parte do SP, segundo regras das gramáticas normativas (CUNHA, CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1994, 2011; BECHARA, 2009), conforme:

- a) *Grande parte dos torcedores compareceu* ao estádio;
- b) *Grande parte dos torcedores compareceram* ao estádio.

(ROCHA LIMA, 2011, p.263).

A concordância singular (cf. a) está ligada à intenção de destacar o conjunto, e, por isso, o verbo concorda com o núcleo do SN e a concordância plural (cf. b), à intenção de destacar os vários elementos que o compõem, concordando, portanto, com a segunda parte do SN. Segundo Scherre (1994), isso representa uma complexidade que induz o falante a agir intuitivamente com certa hesitação em relação à concordância.

Devido à existência dessa dupla possibilidade, esta pesquisa pretende verificar i) já que, conforme as gramáticas tradicionais, o verbo pode ficar no singular – como (a) acima; ou ficar no plural, como (b) - existe, no português brasileiro (PB) escrito contemporâneo, alguma preferência de concordância, ou seja, o verbo tende a ficar ou no singular ou no

plural? ii) e qual seria o comportamento do verbo em estruturas desse tipo na língua portuguesa do século XIX, haveria essa mesma regra? Ou a regra seria outra?

Com base em Rodrigues (2005), acreditamos que, no PB contemporâneo, existe a tendência de o verbo ficar no singular, concordando, portanto, com o núcleo do SN sujeito que esteja no singular. Já para a Língua Portuguesa do século XIX, acreditamos que a tendência também seja essa, ou seja, a de que o verbo concorde com o núcleo do SN no singular, ficando, então, no singular. Para verificarmos se nossa hipótese estava adequada, foi preciso analisar separadamente o *corpus* representativo de cada período da língua portuguesa, escolhido para essa análise, compará-los e verificar se esses *corpora* indiciam ou não uma tendência em relação à concordância verbal nas estruturas partitivas.

A presente pesquisa se justifica pelo interesse em saber se, em função de haver uma possibilidade de dupla concordância, conforme preconizam as gramáticas tradicionais, o verbo tenderia a ficar no singular ou no plural. Por isso, a escolha do *corpus* do presente estudo recai sobre textos de jornais cuja escrita se baseia no uso da norma padrão: para compor o *corpus* do PB contemporâneo, são os jornais de maior circulação em Minas Gerais, *Estado de Minas* e *O Tempo*; para o *corpus* relativo ao passado, foram escolhidos periódicos mineiros do século XIX, pois foi, nesse período, segundo o site da Biblioteca Nacional¹, que surgiram os primeiros jornais da província de Minas Gerais, conforme:

Lançado em 1º. de junho de 1866, o *Diario de Minas* é considerado o primeiro jornal informativo da província de Minas Gerais, o que lhe confere lugar especial na história da imprensa mineira. O primeiro jornal desta província, de 1823, foi o *Compilador Mineiro*, publicação voltada para o apoio ao governo imperial. (<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-minas>)

Também por essa justificativa, o jornal *Diario de Minas* foi um dos periódicos escolhidos para fazer parte do *corpus*. O outro jornal de grande circulação da época que escolhemos para analisar foi *O Universal*, devido ao seu grande número de edições e, conseqüentemente, grande período de circulação.

O objetivo geral da pesquisa é: tomando por base que, no século XXI, a orientação das gramáticas normativas é a de que, na concordância verbal com estruturas partitivas, o verbo pode ficar ou no singular ou no plural, pretendemos fazer um estudo comparativo entre jornais do século XXI com jornais do século XIX a fim de verificarmos: se os jornais do

¹<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-minas>

século XXI realizam essa dupla concordância, e quais as regras preconizadas no século XIX e como os jornais as praticam.

Para tal, definem-se os objetivos específicos da pesquisa:

- i) levantar os conceitos e as regras da concordância verbal nas expressões partitivas segundo as gramáticas normativas – contemporâneas do século XIX - e históricas;
- ii) fazer levantamento de ocorrências das estruturas já mencionadas nos textos jornalísticos nos *corpora* em questão;
- iii) descrever e analisar as ocorrências de concordância verbal, separando-as em plural ou singular (análise sincrônica dos períodos);
- iv) comparar a frequência das ocorrências em jornais antigos e em jornais recentes (análise diacrônica);

Para a realização desta pesquisa, adotamos os seguintes **procedimentos metodológicos**:

a) – para a montagem dos *corpora*, utilizamos textos do gênero do discurso jornalístico presentes nos jornais que circularam em Ouro Preto ou em Mariana, no século XIX, e, também, textos de jornais de grande circulação em Belo Horizonte, no século XXI, também de mesmo gênero.

- para a montagem do *corpus* relativo ao século XIX, acessamos a base de dados do Arquivo Público Mineiro no site <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>>, onde estão disponíveis as edições digitalizadas dos jornais *O Universal* e *Diario de Minas*. Após o download das edições em questão, realizamos a conversão de pdf para txt, através do site <<https://www.pdf2go.com/>>, para que o arquivo fosse reconhecido pelo *concordanciador AntConc*;

- para montagem do *corpus* relativo ao século XXI, acessamos os arquivos dos jornais *Estado de Minas* e *O Tempo*, em seus respectivos sites, realizando a busca dos trechos das expressões partitivas na ferramenta de pesquisa do próprio site;

b) para coleta de dados - para a recolha de expressões partitivas do tipos *a maioria de, a maior parte de, grande parte de, parte de, uma porção de* e equivalentes - nos *corpora*, utilizamos a ferramenta *Concordanciador AntConc*. Por meio dessa ferramenta, é possível realizar uma busca de um termo no *corpus* com todos os textos, que são apresentados em lista. Depois, o programa apresenta uma lista com o termo pesquisado e o contexto e a frase em que se encontra, bem como a concordância realizada;

c) uma vez recolhidos os dados, foi feita uma análise descritiva sincrônica de cada *corpus*, procurando destacar com qual SN foi feita a concordância verbal: com o SN no singular ou com o SN no plural; além disso, foi feita análise quantitativa de cada uso em cada período sincrônico;

d) depois de feitas as análises sincrônicas, fizemos uma análise diacrônica entre os *corpora* a fim de verificarmos se há alguma diferença de ocorrência de concordância, isto é, se, quantitativa e qualitativamente, há diferença entre os dois períodos do Português Brasileiro. Cada construção partitiva retirada dos *corpora* teve a estrutura interna de seu SN analisada, com o objetivo de verificar se o verbo concordou com o núcleo do SN₁ ou do SN₂. Depois, foi feita uma análise quantitativa para averiguar qual tipo de concordância verbal – no singular, concordando com o núcleo do SN₁, ou no plural, fazendo concordância com o núcleo do SN₂ – foi a mais recorrente.

Devido à baixa qualidade das imagens e arquivos dos jornais *O Universal* e *Diário de Minas*, que estavam disponíveis no site do Arquivo Público Mineiro, bem como às limitações com relação à compatibilidade do formato dos arquivos com o *Concordanciador AntConc*, as ocorrências encontradas foram em quantidade reduzida. No total, foram analisadas 528 páginas de jornais do século XIX, com número reduzido de ocorrências. Portanto, para fins de conformidade, fez-se necessário analisar aproximadamente a mesma quantidade de páginas de jornais relativos ao século XXI, considerando que os jornais deste século são maiores e possuem mais páginas. Diante disso, sabendo-se que cada edição dos jornais do século XXI possui, em média, 20 páginas, foram analisadas 25 edições para esta pesquisa.

Esta dissertação, vinculada à Linha 1: Linguagem e Memória Cultural do Programa Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, visa a contribuir para as pesquisas dos estudos da linguística histórica, pois aborda a ocorrência ou não de mudança

linguística a partir da análise da concordância verbal em expressões partitivas em jornais do século XIX, em comparação aos jornais do século XXI.

A dissertação está organizada da seguinte maneira: na introdução, estão circunscritos os limites do fenômeno em estudo, e estão definidos os objetivos geral e específicos, as hipóteses e a justificativa geral da pesquisa, bem como a metodologia utilizada. O primeiro capítulo aborda os *corpora* utilizados para a pesquisa, isto é, uma apresentação de cada periódico que fez parte da pesquisa, assim como as teorias acerca do uso da norma padrão. No segundo capítulo, com o título de referencial teórico, apresentamos os conceitos de concordância verbal e expressões partitivas segundo as gramáticas normativas – contemporâneas e do século XIX - as gramáticas históricas e a linguística, as teorias utilizadas para a descrição interna do sintagma nominal, e também outros estudos realizados concernentes ao tema. No terceiro capítulo, apresentamos os dados com as respectivas análises. Por fim, nas considerações finais, exibimos, de modo conciso, os principais pontos da pesquisa e os resultados mais relevantes, bem como as referências utilizadas para este estudo.

Capítulo 1 - Sobre os *corpora* da pesquisa e o uso da norma padrão

O objetivo deste capítulo é fazer uma discussão sobre norma padrão e apresentar os periódicos que compõem os *corpora* da presente pesquisa.

1.1 A norma padrão em periódicos

Como este trabalho possui como objeto de pesquisa a estrutura gramatical da linguagem representada nos jornais do século XIX e XXI, é necessário discutirmos o uso da norma nos periódicos que nos servem como análise. Mas, antes de tratarmos disso, vamos apresentar, em linhas bem gerais, como o conceito de norma surgiu.

1.1.1 Sistema, norma e falar

Eugenio Coseriu (2004), como considerou insuficiente a dicotomia saussuriana - língua versus fala - propôs a tríade: sistema, norma e falar concreto, que seriam séries distintas de características da língua, dispostas nos níveis abstrato e concreto, que são:

i) Sistema (Abstrato) - corresponde ao **modelo** que rege o **que é possível** de funcionar na língua, isto é, quais são os **elementos** que compõem a língua e de que modo é possível relacioná-los para que ela possa funcionar;

ii) Norma (Abstrato) - representa os aspectos que pertencem a uma determinada **comunidade de fala**, comuns a todos os falantes dessa mesma comunidade e geradas a partir da tradição, e a um determinado **registro**. No caso específico de nossa investigação, que tem como objeto de pesquisa jornais dos séculos XIX e XXI, se liga à norma;

iii) Fala (Concreto) - representa a manifestação essencialmente **individual** da língua, já que é na fala que se realizam os atos inéditos e opcionais do falante, na qual se apresenta o **maior grau de variação linguística**.

Na visão do linguista romeno, a língua é um objeto histórico que se justifica por três categorias:

a) sistematicidade, já que está internamente organizada;

- b) materialidade, porque se materializa para unir membros de uma comunidade;
- c) historicidade, uma vez que se transforma através da criatividade dos falantes e permanece, estabelecendo laços entre os indivíduos de uma comunidade linguística.

Como a língua apresenta diferentes manifestações de acordo com seu contexto social, Coseriu (2004) apresenta três aspectos linguísticos que implicam as diferenças no uso da língua:

a) diferenças diatópicas - referentes às variações regionais da língua determinadas pelas diferenças existentes nos espaços geográficos de uma comunidade linguística, chamadas dialetos ou falares.

b. diferenças diastráticas - referentes às variações da língua estabelecidas pelas diferenças entre os estratos socioculturais da comunidade linguística, chamadas dialetos sociais, socioletos.

c. diferenças diafásicas - referentes às variedades linguísticas estabelecidas pelos diversos tipos de modalidade expressiva, chamadas estilos de língua ou registros.

A partir dessa divisão, entende-se que uma maneira de falar, ou seja, um dialeto pode apresentar diferentes estilos de fala com determinadas marcas linguísticas dependendo da situação comunicativa. Já o registro escrito, a depender do gênero, e no caso desta pesquisa, de gênero do domínio jornalístico, tende-se ao uso de uma norma mais padronizadora. Entretanto, há que se considerar que, conforme Celso Cunha (1970, p. 79), nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio. O autor acredita que a língua apresenta diferenças de maior ou menor amplitude, mas que essa variação não prejudica “a unidade superior da língua nem influi na consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção”.

1.1.1.2 A norma padrão e norma culta

Nas atividades humanas, a língua, na sua pluralidade de forma e de função, propicia ao falante, no discurso, fazer uso da língua de forma única e múltipla simultaneamente. A

unidade linguística se faz necessária para a construção de sentidos comuns entre os interlocutores. Já a multiplicidade de usos permite que cada falante empregue seu falar consoante o contexto de interlocução em que está inserido, a fim de atingir seus objetivos discursivos.

Nessa variedade discursiva que há na sociedade, vigoram os conceitos de norma padrão e de norma culta. Essa conceituação tem sido muito debatida no meio acadêmico pelos linguistas. O conceito de norma propicia muitas confusões. A esse respeito, concordamos com Xoán Lagares (2011, p. 173) de acordo com quem:

a norma é ela própria motivo de incontáveis conflitos, pois o processo de elaboração linguística diz respeito à identidade da língua, à sua continuidade histórica, à sua possibilidade de existir como realidade diferenciada ou como variedade reconhecida de alguma outra língua, à delimitação, enfim, do seu espaço de ação e da sua área de influência.

Faraco (2002) utiliza o termo “norma culta” em referência aos fatos linguísticos produzidos pelos grupos sociais formados por pessoas ligadas à atividade escrita em situações formais de fala ou de escrita. Segundo ele, a importância de restringir a acepção da palavra “cultura” para que não ocorra uma compreensão inadequada de que as outras formas linguísticas são normas “incultas”. O termo “cultura” deve, portanto, ser ligado à cultura escrita:

[...] a expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social. (FARACO, 2002, p.40)

Faraco (2002) propõe a associação entre cultura escrita e poder social, e define norma padrão ou língua padrão como resposta de “um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa a uma relativa estabilização linguística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança” (p.40). O autor defende que o conceito de norma padrão é complexo, pois a ela não se atribuem somente as formas linguísticas utilizadas pelos grupos sociais, mas também seu uso de acordo com os aspectos sociais, culturais, ideológicos e históricos. Entretanto, acredita que, embora sejam diferentes, a definição de *norma culta* dentre todas é a que mais se aproxima da *norma padrão*, pois os que procuram manter a norma padrão pertencem a grupos sociais que utilizam a norma culta.

Para Lucchesi (2002, p.63), que defende uma heterogeneidade da realidade linguística brasileira, salienta que “À heterogeneidade real do comportamento linguístico dos indivíduos contrapõe-se a homogeneidade artificial do padrão normativo ideal”. Para defender essa multiplicidade linguística, o autor chama a atenção para a necessidade de se separar o termo norma em normal e normativo. Segundo ele: “por normal se entende o que é habitual, costumeiro, tradicional dentro de uma comunidade, já o adjetivo normativo remete a um sistema ideal de valores que, não raro, é imposto dentro de uma comunidade” (LUCCHESI, 2002, p. 64). Ao que se depreende que daí que a distinção entre norma padrão e norma culta proposta por Lucchesi (2002, p. 65) é semelhante à de Faraco (2002), senão vejamos:

[...] a primeira reuniria as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas, enquanto a segunda conteria as formas efetivamente depreendidas da fala dos segmentos plenamente escolarizados, ou seja, dos falantes com curso superior completo, de acordo com a já clássica definição do Projeto de Estudo da Norma Culta. (LUCCHESI, 2002, p.65)

Embora a presente pesquisa não lide com a língua falada, é mister trazer para esta discussão que, além dessa divisão entre norma culta e norma padrão, Lucchesi (2002) considera outra vertente denominada por ele de norma popular que consegue explicar a bipolarização marcante existente no PB. O autor, após fazer um percurso sócio-histórico da realidade brasileira, a partir do período da colonização, percebeu que existe uma diferença grande entre os falares das pessoas pertencentes às classes privilegiadas economicamente e os falares da população desprivilegiada em séculos passados, em função das desigualdades sociais. Com base nisso, Lucchesi (2002) analisa a bipolarização da língua portuguesa e apresenta uma separação entre norma culta e norma popular:

A norma culta seria, então, constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços da cidadania, e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império inspirados na língua da Metrópole portuguesa. A norma popular, por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão e na bastardia social. (p.87)

Lucchesi (2002) lembra que essa polarização não é estável, pois existem alguns aspectos comuns entre as duas normas, principalmente com o processo de industrialização e urbanização do Brasil, visto que ambos implicaram uma relativa democratização das relações sociais, mesmo que ainda haja as desigualdades sociais.

Monteagudo (2011), por sua vez, ao discorrer sobre o conceito de norma, acredita que haja dois tipos: a norma objetiva e a norma prescritiva. Para isso, o autor propõe um paralelo com as ideias dicotômicas dos termos normal e normativo. Enquanto este se refere a uma regra ou modelo (prescrito), aquele está ligado a algo corrente, rotineiro. Segundo o autor, em princípio, uma variante normal é a mais frequente nos discursos produzidos numa determinada variedade; já a variante normativa, em determinada variedade, é de uso obrigatório, conforme determinado código ou regulamento. Portanto, para o autor:

(a) Norma objetiva ou norma usual: todo (sub)sistema linguístico se define pela presença, frequência e pautas de distribuição, segundo certos parâmetros, de determinado conjunto de traços, por uma norma objetiva inerente e constitutiva, que tem caráter implícito e que se manifesta no uso. Nesse sentido, pois, a noção de norma remete às pausas observáveis na atividade linguística de dado grupo social ou numa situação comunicativa determinada. Por conseguinte, toda variedade linguística é definida por uma norma inerente, sua norma objetiva. (b) Norma prescritiva: esta noção implica a vigência de determinados códigos de comportamento, entendido como conjuntos de regras imperativas, instruções e recomendações contidas num corpus metalinguístico (gramáticas, dicionários, livros didáticos e outros textos), portanto, explícitas. (MONTEAGUDO, 2011, p.41)

Verificamos, então, que os conceitos de normas de Monteagudo se aproximam dos de Faraco (2002) e de Lucchesi (2002), apenas com mudança de nomenclatura. O autor ainda ressalta que a norma prescritiva é a noção que remete ao normativo, ou seja, à determinação do que seja “correto” e “incorreto”.

Diante do que expomos, nesta pesquisa, entendemos que o termo “norma padrão” refere-se à norma preconizada pelos compêndios gramaticais tradicionais; já o termo “norma culta” está ligado aos usos linguísticos presentes nos grupos sociais escolarizados. Mas é preciso destacar que é possível haver uma interligação entre o uso (normal) e aquilo que é imposto historicamente e socialmente, ou seja, normativo. Isso porque acreditamos que a norma de um grupo social, mesmo que marcada pelas particularidades de usos dentro de uma comunidade linguística, é, de certa forma, um conjunto de imposições socioculturais àquele grupo. Por isso, concordamos com Faraco (2002) quando ele aproxima a concepção de norma culta à da norma padrão, visto que as pessoas escolarizadas procuram, em situações monitoradas, adequar sua linguagem aos preceitos da gramática normativa.

Assim, ao investigarmos o uso da concordância verbal em estruturas partitivas usadas em jornais dos séculos XIX e XXI, vamos considerar que a padrão é a norma utilizada em

todos os periódicos presentes em nossos *corpora*. Isso porque tanto nos jornais novecentistas quanto nos jornais contemporâneos, seus “redactores” eram/são pessoas que tinham/têm conhecimento das regras preconizadas pelos compêndios, visto se tratarem de políticos/desembargadores, no passado, e jornalistas, no presente. No entanto, não perdemos de vista o que nos ensina Cunha (1970), de acordo com quem, nenhuma língua permanece uniforme em todo o seu domínio. Em outros termos, acreditamos que poderemos localizar usos variáveis no que tange ao fenômeno sob análise nesta pesquisa.

1.2 Sobre os gêneros textuais: o jornal

Sérgio Roberto Costa (2008), em seu *Dicionário de Gêneros Textuais*, destaca que o princípio básico da discussão teórica sobre gêneros é “a compreensão das práticas de oralidade, escrita e leitura como atividades enunciativo-discursivas presentes em várias instituições e em várias esferas sociais” (p. 15). Portanto, o autor menciona a importância de se considerarem os gêneros discursivos e textuais, orais e escritos, que são os que necessitam de suportes diversos para serem circulados, como é o caso dos jornais, entre outros vários meios de circulação.

Embora seja uma discussão amplamente heterogênea, devido à grande diversidade de exemplares, Costa (2008) reafirma que é fundamental que se defina o domínio teórico relacionado a esse conceito. Para esta pesquisa, faz-se necessário delinear um conceito de gênero, visto se tratar basicamente da forma escrita de um gênero textual.

O autor discute os conceitos dos gêneros sob a ótica dos discursos de Bakhtin (1953/1973 *apud* Costa 2008) e de Bronckart (1999 *apud* Costa 2008). Ao considerar a vida cotidiana, é possível perceber atividades ou práticas discursivas a todo momento, principalmente orais, usadas na relação imediata com os interlocutores, que é o caso da conversação. Os atos conversacionais estão presentes na vida humana há muito tempo e, portanto, são considerados um dos gêneros primários (COSTA, 2008) da oralidade humana. Porém, o autor considera que *primário*, no contexto em questão, não possui o sentido de limitado, superficial, inferior, mas sim de original, que surgiu primeiro. Bakhtin, por sua vez,

o nomeia *enunciado de gênero primário*, por compreender um contexto imediato, em que acontece a ação comunicativa de interlocução face a face.

Ao considerarmos um diálogo, seja ele escrito ou oral, em outros tipos de gêneros, por exemplo, a conversa entre personagens de uma novela, romance, ou peça de teatro, ou uma entrevista que foi publicada em um jornal, ou mesmo ao vivo, no rádio ou televisão, nessas situações, as ações comunicativas foram retiradas do cotidiano e incluídas em uma esfera mais complexa, deixando de ser imediata e tornando-se, portanto, secundárias. O que era um gênero primário (a conversação) se transforma em um gênero secundário (diálogo de personagens e personalidades); Bakhtin o chama de *enunciado de gênero secundário*. Nesse sentido, as características do primário são mantidas, porém, há novos aspectos por se tratar de circular em uma nova esfera discursiva, realizando-se como um gênero diferente.

Costa (2008) também menciona o nascimento de novos gêneros secundários que emergem por meio da internet. Embora tenham semelhanças com os gêneros já existentes, tais gêneros não podem ser considerados os mesmos, já que possuem novas finalidades discursivas que remetem a outras práticas sociais. Sendo assim, podemos considerar que as conversações virtuais (*chats*) caracterizam outro gênero que não a conversa face a face ou telefônica (que também é uma transformação da conversação), ainda que todas tratem de comunicação interindividual. Além disso, podemos considerar que o *blog* e o endereço eletrônico (e-mail) são outros gêneros recém-criados pelo advento da internet, por possuírem características diferentes de *diário pessoal* e *endereço postal comum*.

Segundo Bakhtin (1953/1973 apud Costa 2008), todo gênero é definido por três dimensões básicas. São elas:

- a) Os conteúdos, que são definidos pelo gênero (carta, notícia, entrevista, conversa) e não por frases ou orações;
- b) A estrutura/forma específica dos textos (descritivo, argumentativo, narrativo, explicativo ou conversacional) que pertencem ao gênero em questão e
- c) As configurações específicas das unidades de linguagem, também chamadas de estilo. São os traços da posição enunciativa do locutor, bem como os conjuntos de sequências textuais e tipos discursivos que formam a estrutura genérica.

Nosso próximo enfoque será baseado nas teorias dos gêneros textuais de Bronckart (1999 apud Costa 2008), que, assim como Bakhtin, pressupõe que a dimensão textual condescende a dimensão discursiva produzida na interação verbal. Assim, os gêneros textuais (orais e escritos) são considerados produtos histórico-sociais de grande heterogeneidade, por possuírem diferentes interesses e condições de funcionamento e estarem em movimento perpétuo, já que alguns surgem, outros podem desaparecer, ou ainda, podem retornar sob formas parcialmente diferentes. Outra característica dos gêneros textuais, segundo Bronckart, é que não se podem estabelecer claramente as fronteiras entre eles. Porém, eles possuem aspectos individuais e são sempre únicos, mesmo apesar de terem semelhanças entre si.

Por fim, ainda segundo Costa (2008), compreendemos os gêneros como formas heterogêneas, sociodiscursivo-enunciativas, orais e escritas, consagradas pela tradição e pela cultura – no passado e no presente. No que tange a esta pesquisa, nosso foco se encontra no domínio (formação) discursivo jornalístico, no qual se produzem, entre outros, os gêneros do discurso jornalístico. São eles: a notícia, a reportagem, o editorial, o artigo jornalístico, a manchete, o debate, a entrevista, a carta de leitor, entre outros.

1.3. Jornal *O Universal*

Segundo Rezende (2009), durante o período posterior à Independência do Brasil, surgiram inúmeros periódicos nas províncias. Isso porque a imprensa era um dos mecanismos mais eficientes para o agravamento das disputas políticas que ocorriam na época. No estado de Minas Gerais, esses veículos de informações foram ainda mais propagados, para que os grupos políticos conquistassem adeptos para seus projetos por meio da circulação desses periódicos. Dentre os jornais, podemos destacar *O Universal*, que, devido a sua relevância, tornou-se objeto desta pesquisa. Por isso, o conteúdo político se faz presente nas edições aqui analisadas. Além disso, o jornal *O Universal* foi um dos que permaneceram por mais tempo em circulação na cidade de Ouro Preto. Foi o primeiro jornal mineiro com expressão, principalmente por seu principal redator: o polêmico político mineiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, que dirigiu a linha editorial até 1835, quando adota uma linha mais conservadora e, então, passa a redação para o proprietário José Pedro Dias de Carvalho, com

a colaboração de Joaquim Antão Fernandes Leão. Ambos foram eleitos deputados provinciais.

Nas páginas do jornal, Bernardo Pereira de Vasconcellos publicava memoráveis polêmicas e, segundo a autora, “há indícios que ele teria criado dois personagens antagônicos – um liberal e outro caramuru – que trocavam verrinas nas páginas do periódico como se fossem reais, incrementando as discussões em torno das questões políticas que mobilizavam a sociedade naquele momento” (REZENDE, 2009, p.5).

No entanto, as edições de *O Universal* não traziam apenas polêmicas políticas e ideológicas. Elas também circulavam ofícios, avisos, anúncios, textos literários, matérias de jornais de outras províncias, além de notícias internacionais, romances, poesias, piadas, cartas anônimas, notícias sociais, entre outros anúncios variados, inclusive dados sobre a vida educacional, as festividades, as condições de mulheres, homens pobres livres, índios e outros. Assim, o jornal, que tinha uma periodicidade de três vezes por semana, representava uma fonte para a memória do cotidiano vivido pelos mineiros da época. Para esta pesquisa, foi utilizado o jornal por completo, ou seja, com todas as seções de cada edição.

De acordo com a Imprensa Oficial de Minas-Geraes (1894), o jornal *O Universal* era o único periódico que circulava na província. A partir do momento em que Bernardo Pereira de Vasconcellos deixou a redação, o jornal passou a ser visto como oposição ao governo, o que causou algumas instabilidades políticas:

Desse anno em diante, ao contrario, O Universal pouco a pouco se colocou em antagonismo, que tornou-se hostilidade vigorosa e tenaz, áquelle notavel chefe politico e estadista. Já então era proprietário da folha e seu redactor José Pedro Dias de Carvalho, mais tarde senador do Imperio. (...) Foi esse um dos muitos incidentes políticos resultantes da formação dos novos partidos – liberal e conservador – com os elementos das antigas aggremações – moderados, exaltados e restauradores -, estes últimos sem razão de ser desde 1834, pela morte de Pedro I em setembro do mesmo anno. (IMPRESA OFFICIAL DE MINAS-GERAES, 1894, p.30)

A primeira edição de *O Universal* saiu no dia 18 de julho de 1825, com a epígrafe de Voltaire: *Rien, n'est beau que le vrai; Le vrai seul est aimable*. O Arquivo Público Mineiro possui uma coleção praticamente completa e bem preservada do tempo em que o jornal circulou. Ainda segundo Rezende (2009), a última edição do jornal circulou no dia 30 de maio de 1842, ou seja, dezessete anos depois, quando o editor avisava que iria suspender a

publicação da folha por causa das perseguições do governo contra os cidadãos e a liberdade de imprensa.

1.4. Jornal *Diario de Minas*

Segundo Mendes (2007), o jornal *Diario de Minas* circulou em Ouro Preto de 1866 a 1878 e foi o primeiro diário empresarial e informativo de Minas Gerais. O jornal trazia informações diversas, além das de caráter político e opinativo, e também empresarial, era considerado informativo por não seguir totalmente o publicismo, como faziam os periódicos da província na época. O jornal, que pertencia a J. F. Paula de Castro, ocupou um importante lugar na história dos periódicos da região, por ter sido o pioneiro dos informativos. O proprietário precisou de auxílio do governo provincial, então ligado ao Partido Liberal, para comprar a tipografia do local onde era impresso, no Rio de Janeiro, já que os prelos que existiam em Minas Gerais estavam em mau estado.

Segundo o autor, ele também foi o primeiro jornal empresarial de Minas Gerais, e o primeiro em formato *standard*, ou seja, com folhas de aproximadamente 55 centímetros. Foi obrigado a parar de circular em abril de 1878 por ter sido revogado o contrato com o governo da Província para as publicações oficiais e dependia economicamente do governo. O diário possuía quatro páginas, que continham as seguintes seções: *Parte Oficial*, *Diário de Minas*, *Exterior*, *Interior*, *Noticiário*, *Publicações a Pedido*, *Editais*, e *Folhetim*. Era considerado comum que, em certos dias, algumas seções fossem excluídas, como também outras fossem criadas e adicionadas. Para esta pesquisa, utilizou-se o jornal todo, com todas as seções que estavam presentes nas edições.

Ainda de acordo com Mendes (2007), no jornal *Diario de Minas*, havia diversos anúncios, alguns bem trabalhados graficamente e com textos apelativos. Eles ocupavam de uma a duas páginas, o que significava uma grande parte do jornal, e eram, em sua grande maioria, de produtos farmacêuticos. Assim, a seção de anúncios de compra e venda foi se tornando cada vez mais extensa, bem como os anúncios de fuga de escravizados. Esporadicamente, eram lançados alguns anúncios de peças teatrais, perfumes e cosméticos.

Apesar de o jornal ter o principal objetivo de informar, ele divulgava publicações oficiais do governo, para que a receita garantisse a sua circulação. Por isso, quando o Partido Conservador assumiu a frente do governo provincial em 1868, o jornal precisou mudar sua linha editorial. Entretanto, dez anos depois, o Partido Liberal retornou ao poder, cancelando o contrato com o jornal *Diario de Minas*. Principalmente por esse motivo, o jornal acabou por diminuir gradualmente a sua periodicidade, até sua última edição, em março de 1878, quando a tipografia foi vendida para o jornal que começou a circulação no ano seguinte: *A Província de Minas* (1879 a 1889).

1.5. Jornal *Estado de Minas*

Segundo Costa e Ribeiro (2009), no ano de 1895, o estado de Minas Gerais buscava a construção de uma nova capital, para se adaptar ao cenário moderno que surgiu com a Proclamação da República (1889). Em setembro de 1895, foi criado o primeiro jornal da nova capital, o chamado Bello Horizonte, dando início à imprensa local. Nesse período, o jornalismo ainda não era considerado um empreendimento comercial, mas uma atividade amadora e artesanal. Então, em 1928, Juscelino Barbosa, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo fundaram o *Estado de Minas*, abrindo uma nova fase para a imprensa da capital.

Porém, os autores mencionam que a profissão de jornalista na época em questão ainda era iniciante em aspectos técnicos e, por isso, muitas vezes o cargo de jornalista era preenchido pelo próprio literato. Por isso, ao compor as matérias jornalísticas, o sujeito se envolvia por meio de uma ideologia menos voltada para o pragmatismo que o jornalismo exigia e tendendo mais para a subjetividade da prosa e da poesia.

De acordo com Castro e Oliveira (2010), o jornal foi fundado em 1928 como *O Estado de Minas* e rebatizado *Estado de Minas* em 1929, quando passou a integrar os Diários Associados.

Os autores afirmam que, nos anos 1980, segundo classificação da revista *Exame*, o jornal ocupava a terceira posição quanto à sua receita operacional. Já em 2010, de acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação, o jornal possuía uma tiragem em torno de 80 mil exemplares por dia. Por esses números favoráveis, é considerado hoje o jornal mais

tradicional do estado de Minas Gerais. Segundo o próprio site do jornal, o Estado de Minas é um dos mais importantes jornais impressos do estado de Minas Gerais, também conhecido como *o grande jornal dos mineiros*.

Quanto ao conteúdo do periódico, Camargos e Oliveira (2001 *apud* Castro e Oliveira 2010) mencionam que estão presentes reportagens, crônicas, informações utilitárias, histórias, comunicados oficiais e assuntos especializados. Portanto, o jornal não segue uma linha editorial específica e bem definida.

Juntamente com o *Jornal O Tempo*, o jornal edita os tabloides *Super Notícia* e *Aqui BH*, que fazem concorrência entre si, principalmente na região metropolitana de Belo Horizonte.

Novamente segundo o site do próprio jornal, o jornal impresso circula diariamente com seus cadernos fixos: Política, Opinião, Nacional, Internacional, Economia, Gerais, Super Esportes e EM Cultura. Os seus suplementos são: Agronegócio, Bem viver, Ciência & Saúde, Degusta, Direito & Justiça, Divirta-se, Emprego (Admite-se), Especial, Feminino & Masculino, Hora Livre, Imóveis (Lugar Certo), Negócios & Oportunidades, Pensar, Prazer EM Ajudar, Turismo, TV e Veículos (Vrum). Todas as seções dos jornais foram utilizadas para esta pesquisa, já que a busca foi feita nas edições completas.

Sendo o maior jornal circulante em Minas Gerais, representa um dos contatos mais significativos dos habitantes com os processos jornalísticos, e, por este motivo, sua escolha para caracterizar o objeto de análise deste trabalho foi crucial.

1.6. Jornal O Tempo

Segundo Chaves, Paiva e Oliveira (2012), *O Tempo* é um jornal diário produzido pela empresa “Sempre Editora”, ligada ao ex-deputado federal Vittorio Mediolli (PSDB), atual prefeito da cidade de Betim. A sede do jornal se encontra em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

O cenário da imprensa mineira vem mudando desde o surgimento do jornal *Hoje em Dia*, em 1988. O jornal começou a circular no estado em 21 de novembro de 1996, e tem

versões derivadas para Contagem, Betim e o bairro belo-horizontino da Pampulha e é publicação-irmã do tabloide *Super Notícia*.

A criação do jornal por Vittorio Medioli pode ter sido impulsionada pela insatisfação do político que, quando buscava sua reeleição para deputado federal em 1994, tornou-se alvo do *Estado de Minas*, por uma série de reportagens com denúncias e críticas, principalmente sobre sua forma de financiamento da campanha.

De acordo com Chaves, Paiva e Oliveira (2012), a intenção da criação do jornal foi desvincular-se de qualquer interesse político, tendo como objetivo principal a prática de um jornalismo imparcial, crítico e inovador, principalmente para contrapor o jornal *Estado de Minas*, que já havia se consolidado como o “jornal dos mineiros” por mais de sete décadas, ocupando uma posição de hegemonia conquistada por muito tempo. No entanto, segundo Chaves, Paiva e Oliveira (2012), havia muitas críticas ao *Estado de Minas*, que é considerado um jornal atrelado a uma linha governista e tradicional. Com o intuito de divergir do jornal já amplamente difundido, *O Tempo*, porém, foi relacionado ao contexto em que surge e os vínculos que possui – como o fato de estar ligado ao político Vittorio Medioli – parecendo relacionado a interesses de ordem política.

Ao falar sobre a situação do jornal em termos de vendagem, os autores afirmam que a Sempre Editora informa que a circulação, em 2012, era de, em média, 35 mil exemplares por dia, atingindo 286 cidades mineiras. Nesta pesquisa, foram utilizadas as edições completas dos jornais, com todas as seções que as compõem.

No capítulo seguinte, discutiremos o embasamento teórico que foi utilizado para a realização desta pesquisa, bem como o que preconizam as gramáticas – normativas e históricas – e, também, as pesquisas que antecedem esta, que estudaram estruturas partitivas e concordância verbal.

Capítulo 2 – Referencial Teórico

Neste capítulo, apresentaremos o referencial teórico que dá suporte à análise que procederemos acerca dos dados de nossa pesquisa, além de também apresentarmos gramáticas normativas, contemporâneas e do século XIX, e pesquisas na área da linguística tratam da concordância verbal e as construções partitivas.

2.1 A Linguística Histórica

Faraco (2005) reconhece, como a realidade empírica central da linguística histórica, o fato de as línguas humanas mudarem com o passar do tempo. Isso porque elas não são constituídas por realidades estáticas, pois sua configuração estrutural pode se alterar com o passar dos anos. Essa dinâmica é exatamente o objeto de estudo da linguística histórica.

O autor destaca, de início, que “a mudança gera contínuas alterações da configuração estrutural das línguas sem que, no entanto, se perca, em qualquer momento, aquilo que costuma ser chamado de plenitude estrutural e potencial semiótico das línguas”. (FARACO, 2005, p. 14). Isso significa dizer que as línguas, ainda que de forma lenta, estão sempre em movimento, sempre em mudança, mas não perdem seu caráter sistêmico, continuando organizadas e oferecendo todos os recursos necessários aos seus falantes, para que continuem a se comunicar.

Embora as línguas mudem, o autor também reconhece que os falantes normalmente não têm consciência dessas mudanças. Isso ocorre porque criamos uma falsa imagem de permanência bem mais do que de mudança. Além disso, a mudança ocorre com uma velocidade muito baixa, que dificilmente é percebida na fala. Sendo assim, apenas excepcionalmente percebemos esse fluxo no dia a dia dos falantes. Outra razão para que os falantes não percebam diariamente a mudança linguística é que ela atinge apenas uma parte da língua, e não o todo, o que determina uma complexidade nessa série de mutação e permanência.

Por outro lado, com a existência da escrita em algumas culturas, seja por suas funções sociais e por ser uma realidade mais estável do que a fala, a imagem que os falantes constroem da língua acaba por ser ainda mais imutável. Isso se deve à existência de um padrão de língua que é documentado em gramáticas e ensinado em escolas que cria a falsa

impressão de uma imutabilidade maior do que as outras variedades da língua, além de funcionar como um moderador temporário de mudanças.

No entanto, ainda segundo Faraco (2005), existem algumas maneiras de o falante perceber a existência das mudanças linguísticas. Fica perceptível quando se entra em contato com algum texto antigo em sua própria língua, ou ao conversar com alguém de idade mais avançada, ou, até mesmo, ao interagir com falantes que foram privados de frequentar a escola ou de ter acesso à cultura escrita. Por meio desse contraste entre as realidades da língua, torna-se possível o reconhecimento de que a língua passou ou está passando por mudanças.

Como se pode perceber, em suma, a linguística histórica é tradicionalmente definida como a parte da linguística que se dedica às mudanças - fônicas, sintáticas, mórficas e semântico-lexicais - ao longo do tempo histórico em que uma língua é usada por seus utentes em determinado espaço. No entanto, também é preciso considerar que, conforme Bynon (1977), fazer pesquisa na área da Linguística Histórica é “(...) investigar e descrever a maneira pela qual as línguas mudam ou mantêm sua estrutura ao longo do tempo (...)” (BYNON, 1977, p. 1) (tradução livre)².

Mattos e Silva (2008) reconhece, no entanto, que não há linearidade nas mudanças, e então define a linguística histórica através de duas vertentes: a *lato sensu* e a *stricto sensu*. Enquanto a primeira trata de estudar através de dados datados e localizados, ou seja, baseada em *corpora*, tal como os estudos descritivos, a segunda vertente se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que são faladas. Essa vertente no sentido estrito considera fatores extralinguísticos e intralinguísticos, os quais se incluem os sociolinguísticos, que tratam da mudança linguística. A linguística histórica no sentido estrito tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, para a análise das mudanças linguísticas de longa duração, como faremos neste estudo. Para esse estudo com base em documentos, a autora salienta que a Linguística Histórica conta com a Filologia. Ou seja, é através da análise do corpus que é possível constatar alguma mudança ou permanência de alguma estrutura linguística: “Espero que se veja que não se pode fazer linguística histórica ou diacrônica sem a documentação remanescente do passado”. (p.14).

²“(...) to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time”. (BYNON, 1977, p. 1).

Essa ciência permitirá uma análise dos manuscritos e textos pretéritos que funcionarão como uma base de dados indispensável para o estudo das mudanças da escrita nesses documentos, principalmente em relação àquelas com um longo percurso de evolução.

A filologia, hoje, parece integrar-se melhor como uma das formas de abordar a documentação escrita, tanto literária como documental em sentido amplo, enriquecida pelas vias da crítica textual, tanto de textos antigos como modernos. Assim a filologia assume o seu lugar como a “ciência do texto”, herança benéfica semeada há quase vinte séculos pelos alexandrinos (...). (MATTOS; SILVA,2008, p.14).

Dessa forma, a filologia possibilita-nos analisar documentos do passado e do presente em relação ao uso da concordância verbal com estruturas partitivas em dois jornais que veicularam em Ouro Preto no século XIX, e dois outros que circulam em Minas Gerais, no século XXI.

Bynon (1977) também defende que é através de escritos considerados documentos fieis da língua em “diferentes períodos de tempo” que se torna possível a demonstração do verdadeiro “desenvolvimento histórico de uma língua”:

(...) o estado presente é o único que pode fornecer informações completas sobre todos os fenômenos, (...) é somente por comparação através de registros escritos de diferentes estágios de uma língua que se pode obter uma ideia da natureza das regras diacrônicas. (BYNON, 1977, p. 6, tradução livre)³.

A autora destaca que, ao entrarmos em contato com os registros, conseguimos descrever os diferentes estágios sincrônicos de uma língua, e a partir do levantamento do fenômeno sob análise nesses diferentes períodos sincrônicos, é possível realizar um estudo histórico desses estágios da língua, denominado diacronia. O estudo diacrônico consiste, pois, no levantamento de dados sincrônicos da língua seguido da comparação de todos eles, observando o que muda e como muda nas estruturas linguísticas, ou mesmo o que não muda.

Considerando também o estudo sincrônico e diacrônico dos elementos linguísticos, Mattos e Silva (2008) explica que é através dos princípios da Linguística Histórica e com o auxílio das teorias da área linguística, é que podemos visualizar um modelo da história passada de uma língua. Acrescentando em seguida, que são os “dados empíricos, fornecidos pela documentação remanescente, que confirmarão ou não” essas teorias, permitindo, assim, averiguar e, em parte, reconstruir o uso vivo da língua.

³[...] present state is the only one which can provide him with full information on all the phenomena, (...), it is only by comparison via written records of different stages of a language that he can obtain an idea of the nature of diachronic rules. (BYNON, 1977, p. 6).

Na próxima seção, discutiremos propostas para a descrição interna do sintagma nominal, a fim de verificarmos qual delas pode ou podem servir ao propósito de nossa pesquisa.

2.2 A descrição da estrutura interna do sintagma nominal

Como o foco principal desta pesquisa é a análise da concordância verbal em estruturas partitivas, devemos considerar imprescindível uma descrição do funcionamento da estrutura interna do sintagma nominal sujeito, sendo ele parte fundamental das expressões a serem analisadas. Assim, podemos distinguir os casos em que o verbo aparece no singular, daqueles em que o verbo se encontra no plural. Portanto, para fazermos as análises das ocorrências coletadas do *corpus*, precisamos fazer uma descrição do SN, que tem função de sujeito, para compreendermos por que, sintaticamente, o verbo ora fica no singular, ora no plural. Assim, na próxima seção, apresentaremos três propostas dessa descrição

2.2.1 A descrição da estrutura interna do SN (Perini, 2005)

Para analisar a estrutura interna do sintagma nominal, Perini (2005), em sua *Gramática Descritiva*, afirma que as funções no SN se definem pelas posições dos termos em relação uns aos outros e não por suas posições absolutas, já que cada termo desempenha uma função diferente da dos outros. Porém, alguns deles possuem posição fixa no sintagma, sem possibilidade de permuta. Por isso, o autor possui preferência por estudar os traços posicionais, tomando como referência o núcleo do SN.

O autor sugere que se divida o SN em duas porções: a área esquerda, que é composta pelos elementos que precedem o núcleo, e a área direita, que é composta pelo núcleo mais os elementos que o seguem. Em relação à área esquerda, Perini (2005) considera uma grande variedade de posicionamentos possíveis e, portanto, de funções distintas. No total, ele chega à conclusão de que são seis posições fixas e quatro posições variáveis.

As posições fixas são: determinante (Det), possessivo (Poss), reforço (Ref), quantificador (Qf), pré-núcleo externo (PNE) e pré-núcleo interno (PNI). Já as posições variáveis (PV) ocorrem nos intervalos entre as posições fixas, exceto entre os dois pré-núcleos. Em suma, as posições dos elementos do SN são colocadas da seguinte forma:

[DET PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 PNE PNI]

No entanto, as quatro posições variáveis definem uma única função: o Numerador (Num), que pode ocorrer em qualquer das posições variáveis. Confirmamos essas posições no quadro a seguir:

Quadro 1: Funções dos elementos do SN

Função	Itens que podem desempenhá-la
Det	<i>o, este, aquele, algum, nenhum, um.</i>
Poss	<i>meu, seu, nosso, etc.</i>
Ref	<i>mesmo, próprio, certo.</i>
PNE	<i>mero, pretenso, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo, etc. (classe aberta)</i>
PNI	<i>mau, novo, velho, claro, grande. (classe fechada)</i>
Qf	<i>poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro, segundo, terceiro, etc</i>
Num	<i>outro, dois, três, quatro, etc</i>

Fonte: Perini (2005)

Relativamente ao PNE e PNI, Perini apresenta as seguintes descrições:

- (a) itens que podem ser PNI também podem ser PNE, mas há, por outro lado, itens como *mero, pretenso, meio, suposto* que só podem ser PNE, ou que muito raramente ocorrem após o núcleo, isto é, como modificador (que é o caso de 'reles', informa o autor). Boa parte dos itens que podem ocorrer como modificadores podem também ocorrer como PNE;
- (b) 'todas as palavras conhecidas que podem ser PNI podem também ser modificadores'; (PERINI, 2005);
- (c) entre um PNE e o NSN pode ocorrer um PNI.

Já na área direita, distinguem-se três funções que ocorrem respectivamente nesta ordem: núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE). Tais termos, em virtude da posição que ocupam, podem ser denominados, conforme o autor, de antepenúltimo, penúltimo e último no SN máximo. O autor adverte que a descrição desta área ‘é bem menos segura’ do que a anterior, mas afirma que a distinção entre o ModE e o ModI é que o primeiro pode ser separável do resto do SN por meio de um sinal de pontuação.

A descrição interna do SN proposta por Perini (2005) pode ser assim esquematizada:

Figura 1: Expansão do SN

Det	Poss	Ref	Qf	PNE	PNI	Num ⁴	NSN	ModI	ModE
Área esquerda							Área direita		

Fonte: Mendes (2000)

Em outros termos, a área esquerda engloba todas as funções que precedem o núcleo do sintagma nominal (NSN), e a área direita, por sua vez, engloba todas as funções a partir do NSN.

Para verificarmos se esta proposta de descrição de SN consegue descrever as construções partitivas, objeto da presente pesquisa, faremos a análise de dado extraído do *corpus* de nossa pesquisa.

- 1) “A rebelião de Odysseas será suprimida com muita facilidade, porque a maior parte de suas tropas se declarou contra elle a favor do Governo.” [*O Universal*, Edição 10, p.2, 08/08/1825]

SN [a maior parte] [de suas tropas]] se declarou

Det PNI NSN ModI (?)

Como o próprio Perini (2005) afirma que a descrição da área direita é ‘bem menos segura que a da esquerda’, vamos preferir analisar outra proposta para termos mais segurança, uma vez que não nos sentimos seguras para afirmar que [de suas tropas] seja um ModI.

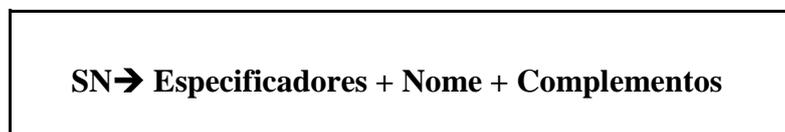
⁴ Cf. Perini (op. cit) esta função pode ocupar qualquer posição na porção esquerda do SN.

Conforme se viu, a proposta de Perini para descrição da área esquerda do NSN não foi suficiente para analisar todos os itens de SN retirado do *corpus* sob análise; isso porque foi possível descrever a área esquerda do NSN, todavia para análise de itens da área direita se mostrou inadequada. Verificamos o que nos propõem Mateus et al. (1983) para a descrição do SN, a fim de que possamos fazer uma melhor descrição.

2.2.2 A descrição da estrutura interna do SN (Mateus et al. (1983))

Agora, apresentaremos a proposta de Mateus et al. (1983) referente à descrição interna do SN. Para analisar a estrutura interna do sintagma nominal, as autoras consideram que, obrigatoriamente, deve-se ter um núcleo e, opcionalmente, outros dois tipos de constituintes: especificadores e complementos. Sendo assim, a proposta das autoras pode ser representada da seguinte forma:

Figura 2: Proposta para análise da estrutura interna do sintagma nominal.



Fonte: Mendes (2000)

Conforme as autoras, podem funcionar como núcleo do SN: os nomes (próprios e comuns), pronomes, alguns quantificadores ou demonstrativos, nomes coordenados (Quero lápis e caneta para escrever a carta) e nomes compostos (O pé-de-moleque é de amendoim torrado.). Já à esquerda do núcleo do SN encontram-se os *Especificadores*, que são os determinantes, os quantificadores e as expressões qualitativas:

- i) atuam como **determinantes**: artigos e dêiticos demonstrativos e possessivos;
- ii) atuam como **quantificadores**: indefinidos, numerais, adjetivos como: *inúmeros, diversos, bastantes*. Existem quantificadores que podem vir precedidos de artigos:
 - definidos + *outro (s), pouco (s) numerais* (exceto *um*), *alguns adjetivos quantificadores*;
 - indefinidos + *outro(s), pouco(s), quantos, tanto(s) qualquer, certo(s), numerais* (exceto *um*), *alguns adjetivos quantificadores*.

- iii) atuam como **expressões qualitativas** aquelas que possuem a seguinte estrutura [Det + Adj/N + de] : "a porcaria do meu carro nunca pega de manhã" / "O estúpido do rapaz saltou do segundo andar". (MATEUS et al., 1983, p.264);

À direita do núcleo do SN encontram-se os Complementos, que são: sintagmas adjetivais, (SAdj), sintagmas preposicionais (SPrep), frases e epítetos.

- i) **sintagmas adjetivais** - segundo as autoras, os SAdj geralmente encontram-se à direita do núcleo do SN, mas elas reconhecem que esta colocação, em alguns casos, pode ser opcional e, em outros, a anteposição do adjetivo faz com que o nome adquira outro significado.
- ii) **sintagmas preposicionados** - que se constituem de uma preposição + (det) + nome, geralmente não podem, segundo as autoras, movimentar-se isolados dentro da frase, e podem combinar-se com outros SPrep. Em nota, elas advertem que esse movimento pode se dar em caso de os SPrep serem topicalizados.
- iii) **sintagmas preposicionais** – que se constituem de uma preposição + (det) + nome;
- iv) **frases** iniciadas por pronomes relativos e que seguem imediatamente o núcleo do SN: “O chapéu que estava no armário desapareceu” (MATEUS ET AL., 1983)
- v) **epítetos** – são algumas expressões parentéticas, que, de acordo com Mateus et al. (1983), são isoladas por pausa no interior do SN e são colocadas à direita do núcleo. Podem atuar como epítetos: S, SAdjs e frases. Em nota, as autoras afirmam que, tradicionalmente, alguns epítetos são denominados ‘apostos’ e ‘frases explicativas’ ou ‘apositivas’⁵.

A descrição interna do SN proposta por Mateus et al. (1983) pode ser assim esquematizada:

⁵ Perini (2005, p.121) define os parentéticos como: “*elementos que sintaticamente repetem a oração ou um de seus termos e se justapõem ao elemento repetido, separando-se dele por vírgula*”

Figura 3: Esquema da descrição interna do SN por Mateus et al. (1983)

				Complementos			
Det	Quantif	Exp.Qualif.	NSN	Sadj.	SPrep.	Frase	Epíteto
Área esquerda				Área direita			

Fonte: Mendes (2000)

Ou seja, a área esquerda engloba todas as funções até o NSN; já a área direita engloba todas as funções a partir do NSN. Nessa descrição, o NSN é analisado como ele realmente é, isto é, o núcleo do SN ao qual podem ser adjungidos elementos à esquerda e/ou à direita. Perini (2005), ao contrário, considera o NSN como parte integrante da área direita.

Passemos agora a descrever a mesma construção vista anteriormente, usando, para tanto a proposta de Mateus et al. (1983)

- 1) “A rebelião de Odysseas será suprimida com muita facilidade, porque a maior parte de suas tropas se declarou contra elle a favor do Governo.” [*O Universal*, Edição 10, p.2, 08/08/1825]

SN [a maior parte de suas tropas]
 Det quantif NSN SPrep + det Nome

Conforme podemos depreender da tentativa de descrição da construção ‘a maior parte de suas tropas’, a proposta de descrição do SN de Mateus et al. (1983) atendeu parcialmente à descrição dos elementos à esquerda do NSN, visto que ‘maior’, em nosso ponto de vista, não pode ser descrito como ‘quantificador’, porque esse elemento mais qualifica que quantifica; quanto à área direita, a proposta atende plenamente à descrição dos dados da presente pesquisa.

O que se viu, portanto, é que as descrições da estrutura interna propostas pelos autores são parcialmente suficientes para o presente trabalho: para a área esquerda, a proposta de Perini (2005) pareceu-nos mais apropriada, já a área direita ao NSN a proposta de Mateus et al. (1983) é a mais adequada. Essa constatação foi a mesma que chegou Mendes (2000), ou seja, que ambas as propostas não conseguiram, plenamente, descrever os dados da pesquisa da autora. Mendes (2000), então, propõe fazer uma fusão entre ambas as propostas, e a descrição do SN máximo ficou assim disposta:

Figura 4: Descrição do SN máximo

												Complementos			
Det	PV ⁶	Poss	PV3	Ref	PV2	Qf	PV1	PNE	PNI	Qv	NSN	Sadj	SPrep	Frase	Epíteto
	4														

Área esquerda

Área direita

Fonte: Mendes (2000)

Esta será, portanto, a descrição do SN máximo que adotaremos em nossa pesquisa. A área esquerda engloba todas as funções até o NSN, e a área direita engloba todas as funções a partir do NSN. Tal como Mendes (2000), vamos assumir a proposta de Mateus et al. quanto a quais itens podem funcionar como núcleo do SN, tais itens são os nomes (próprios e comuns), pronomes, alguns quantificadores ou demonstrativos, nomes coordenados (Quero lápis e caneta para escrever a carta) e nomes compostos (O pé-de-moleque é de amendoim torrado.).

A seguir, passamos a discutir como gramáticas e estudos linguísticos analisam as construções cujo sujeito é uma construção partitiva e a concordância verbal.

⁶ Segundo Perini (2005), PV – posição variável – quer dizer que o item pode ocorrer em qualquer posição da porção esquerda do NSN.

2.3 Como as gramáticas e estudos linguísticos analisam a concordância verbal em construções partitivas

2.3.1 A concordância verbal em estruturas partitivas segundo gramáticas

2.3.1.1 Gramáticas Normativas Contemporâneas

Para definir as regras de concordância verbal nas expressões em questão, faz-se necessário introduzir o conceito geral de concordância verbal, segundo as gramáticas normativas consultadas.

Segundo Bechara (2009), a concordância consiste em “se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada. [...] Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração” (p.543). Conforme o autor, a concordância verbal pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido, como no caso das expressões partitivas. A concordância verbal de palavra para palavra pode ser total ou parcial, como em:

- i) “Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia [AH.1, 147].” (BECHARA, 2009, p.543)
- ii) “...porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno [AH.1, 143].” (BECHARA, 2009, p.543)

Em (i) o verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: vida e honra; em (ii) o verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo *o céu*.

Tal como Bechara (2009), Rocha Lima (1994) prescreve que se colocarmos uma expressão quantitativa como *grande número de*, *grande quantidade de*, *parte de*, *grande parte de*, *a maior parte de*, e equivalentes, com um nome ou pronome no plural, o verbo pode ser flexionado tanto no singular, quanto no plural, conforme:

- i) “A maioria dos condenados *acabou* nas plagas africanas. (Camilo Castelo Branco)”. (ROCHA LIMA, 1994, p.394)
- ii) “Uma nuvem de setas *respondeu* ao sibilar dos esculcas árabes. (Alexandre Herculano)”; (ROCHA LIMA, 1994, p.394)
- iii) “A maior parte das suas companheiras *eram* felizes. (Camilo Castelo Branco)”; (ROCHA LIMA, 1994, p.394)

- iv) “(...) um grande número de velas *branquejavam* sobre as águas do estreito. (Alexandre Herculano)”. (ROCHA LIMA, 1994, p. 394)

Em (i) e (ii) os verbos *acabou* e *respondeu* encontram-se no singular, concordando, respectivamente com ‘maioria’ e ‘nuvem’. Já em (iii) e em (iv), os verbos *eram* e *branquejavam* estão no plural porque concordam, respectivamente, com “companheiras” e “velas”.

Já Cunha e Cintra (1985) apresentam, ainda, uma explicação para a dupla possibilidade de usos. Os autores mencionam que “A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.” (p.488) , conforme :

- (i) “A maior parte deles já não *vai* à fábrica! (B. Santareno, TPM, 40.)” (CUNHA, CINTRA, 1985, p. 487);
- (ii) “ A maior parte destes quartos não *tinham* teto, nem portas, nem pavimento (C. Castelo Branco, OS, I, 196.)” (CUNHA, CINTRA, 1985, p.488);
- (iii) “Uma porção de moleques me *olhavam* admirados. (J. Lins do Rego, ME, 29)” (CUNHA, CINTRA, 1985, p.488).

Acreditamos que, embora os autores Cunha e Cintra pontuem a questão semântica como critério para uso do singular ou do plural, novamente a concordância dependerá do falante quando de sua escrita.

Em suma, pode-se perceber que os gramáticos concordam que as expressões partitivas do tipo *parte de* (e equivalentes) são estruturas bipartidas em que as duas partes são articuladas por uma preposição (*de*) e em que a primeira parte é constituída por um sintagma nominal (SN) que é preenchido pelo elemento de quantidade e a segunda por um sintagma preposicionado (SPREP.) que, por sua vez, é constituído por um SN que se refere à expressão quantitativa. Para fazer a concordância em tais casos, o verbo pode ser flexionado tanto no plural, quanto no singular.

2.3.2 Gramáticas Normativas do século XIX

2.3.2.1 Júlio Ribeiro (1885)

A **Grammatica Portugueza**, de Julio Ribeiro, publicada em São Paulo em 1885 (2ª edição), pela Teixeira e Irmãos Editores, é uma obra que visa “expor os usos da língua”,⁷ como é possível depreender do Prefácio escrito pelo próprio autor: “As antigas grammaticas portuguezas eram mais dissertações de metaphysica do que exposições dos usos da língua” (p. I).

Sobre as regras do que diz respeito à concordância verbal, a gramática de Ribeiro (1885) preconiza que o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, vejamos:

- (i) “Nós temos dinheiro.”
- (ii) “Ellas são ricas.” (RIBEIRO, 1885, p.294).

Tanto em (i) quanto em (ii), o verbo concorda com seu sujeito ‘nós’ e ‘ellas’, respectivamente.

No que se refere à concordância verbal, segundo o autor, em que o sujeito é um **coletivo geral** seguido da preposição *de* e de um substantivo que se encontra no plural, **o verbo deverá estar no singular, concordando com o núcleo do sujeito e não com o substantivo no plural**. O exemplo apresentado é:

- (iii) “O exercito dos alliados ficou inteiramente derrotado.” (RIBEIRO, 1885, p.295).

Em (iii), o verbo “ficou” fica no singular, concordando com núcleo do sujeito “exército”.

Para os casos em que o sujeito é um **coletivo geral só ou seguido da preposição *de* e um substantivo no singular**, o adjetivo e o verbo devem ficar no singular, para concordar com o núcleo do sujeito, ou permanecer no plural, para concordar com um substantivo que represente todos os indivíduos que o coletivo compreende. Por exemplo:

- (iv) “Ditosa gente que não é maltratada ou que não são maltratados de ciumes”. (RIBEIRO, 1885, p.296).

⁷ In: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26054>

Algumas das regras acima, preconizadas pela gramática de língua portuguesa de Ribeiro (1885), fazem referência aos substantivos coletivos, apresentando uma possibilidade de concordância com um termo mental e não apenas o expresso. Já no que diz respeito ao sujeito que representa “um **collectivo partitivo seguido da preposição *de* e de um substantivo no plural claro ou occulto**, o adjectivo e o verbo **devem empregar-se no plural**” (p.296 grifos nossos), vejamos:

- (v) “A maior parte dos homens são analphabetos.” (RIBEIRO, 1885, p.296).

Em (iv), não há um ‘collectivo’, mas uma expressão partitiva, a prescrição não recomenda a dupla possibilidade de concordância verbal, mas apenas que o verbo fique no plural, concordando, portanto, o SN plural – [os homens] contido no SP [dos homens].

2.3.2.2 Thomaz da Silva Brandão (1888)

A obra intitulada *Syntaxe e construção da língua portuguesa* é de autoria de Thomaz da Silva Brandão que, conforme Almeida (2019), era mineiro e foi fundador do antigo Colégio de Ouro Preto, e como os jornais que servem de *corpora* para a presente pesquisa são de Ouro Preto, escolhemos essa obra para apresentarmos o que seu autor prescreveu sobre o tema sob análise.

Sobre a concordância de partitivos, Brandão (1888) apresenta as seguintes regras:

Se o coletivo do singular é partitivo e se, junto a ele, houver um complemento no plural regido pela preposição *de*, o verbo, caso o preceda, deve estar flexionado no singular:

- (i) “Dos mouros pereceu a maior parte, uns no conflicto, os mais na retirada” (BRANDÃO, 1888, p. 64)

Nesse caso, o que o autor chama de “collectivo” é a expressão partitiva “a maior parte”, e como o verbo “pereceu” está anteposto a ela, ficou no singular.

Mas se o verbo vier posposto ao “collectivo”, “emprega-se ordinariamente na flexão do plural”, vejamos:

- (ii) “A maior parte das mulheres gostam de enfeitar-se” (BRANDÃO, 1888, p.64)

Em (ii), o verbo encontra-se no plural concordando com o núcleo do SN [as mulheres] que está contido no SPREP [das mulheres].

O autor também prescreve que o emprego do verbo no plural “com os collectivos partitivos do singular é ainda mais frequente, quando com elle concorre um participio ou adjectivo.”

(iii) “Parte dos inimigos foram mortos, parte postos em fugida”.

Em (iii), o verbo “foram/’ encontra-se flexionado no plural concordando com o núcleo do SN [os inimigos] que é constituinte do SPREP [dos inimigos].

Brandão (1888) faz o seguinte comentário sobre o uso do verbo no plural nessas situações: “O uso do verbo no plural com collectivos do singular proveio certamente da idéa de *indivíduos* que nos suggerem sempre os ditos collectivos” (p. 65 – destaques do autor). Ou seja, segundo o autor, o verbo deve flexionar no plural devido à ideia coletiva que os indivíduos propiciam.

Conforme depreendemos das regras prescritas por ambos os autores do século XIX, o verbo, nas estruturas coletivas ou partitivas, como nesta pesquisa utilizamos, deve estar no plural.

2.3.3 Gramáticas Históricas

2.3.3.1 Carlos Eduardo Pereira (1923)

Para Pereira (1923), a concordância consiste em flexionar o adjetivo, pronome e verbo de acordo com o gênero, número e pessoa gramatical do substantivo ou pronome a que se refere.

A silepse, segundo o autor, ocorre “quando a concordância se opera não com o termo expresso, mas com um termo mental, diverso em gênero ou número, sugerido, aliás, pelo expresso” (1923, p.330). Conforme ele preconiza, a concordância siléptica, também chamada de concordância *ad sensum*, *latente* ou *semiótica*, foge à regra da gramática expositiva, de acordo com a qual, o predicado concorda em número e pessoa com o sujeito, e, portanto, o sujeito determina o número e a pessoa do predicado. Conforme Pereira, “Soffre esta regra [a

da concordância siléptica] duas violações: casos há em que o sujeito no singular tem o predicado no plural, e outros em que o sujeito tem o predicado no singular” (1923, p.330)

Vejamos abaixo:

- (i) “Aqui dos Scythas grande quantidade *vivem*. (Lus. 3. 9)” (PEREIRA, 1923, p.330)

Conforme a análise de Pereira (1923), o verbo “vivem” faz concordância siléptica. No entanto, se colocarmos (i) na tipologia SVC, teremos a seguinte oração: *Grande quantidade dos Scythas vivem aqui*. Nesse caso, fica mais explícito que a concordância se deu com o núcleo do SN [os Scythas] que, por sua vez, é constituinte de SPREP [dos Scythas].

2.3.3.2 Manuel Said Ali Ida (1971)

A *Gramática Histórica* de Said Ali, segundo Hackerott (2008), inicialmente, foi publicada em duas partes: *Lexeologia do português histórico*, de 1922, e a segunda foi publicada dois anos depois sob o título *Formação das palavras e syntaxe do português histórico*; em 1931, publicaram-se esses dois volumes na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. A edição de 1971, que nos serviu de base, segundo consta da *Apresentação* desta edição, não se trata de uma reprodução da de 1931, mas um “texto definitivo” das obras anteriores.

Sobre o fenômeno ora pesquisado neste trabalho, Said Ali (1971) considera que as expressões *um grande número de*, *grande quantidade de*, *multidão de*, quando são sinônimos de *muitos*, fazem prevalecer a pluralidade, ou seja, o verbo deve concordar com o nome ou pronome a que se referem tais expressões. Porém, a seguir, o autor apresenta um exemplo em que o verbo se encontra no singular, expressando a dupla possibilidade da concordância:

- (i) “Lhe saio ao encontro grande numero de molheres (Heitor Pinto 1, 250)” (SAID ALI, 1971, p.295)

Para justificar a escolha do autor de (i), Heitor Pinto, em manter o verbo no singular, o gramático explica que isso se deu porque o verbo está anteposto ao sujeito, por isso a concordância ficou no singular.

Segundo Said Ali (1971), se o verbo que tiver como sujeito alguma das expressões *parte, grande parte, maior parte*, tratando-se de muitos elementos, ficará no singular se a expressão fracionária se referir a um nome coletivo, por exemplo, *parte do povo fugiu, a maior parte do exército morreu de fome* (SAID ALI, 1971, p. 296). Por outro lado, usa-se no plural, ou também no singular, se a referência se fizer a um substantivo no plural:

- (ii) A causa principal... fora... *estarem em seu poder a maior parte das especiarias* (Barros, Déc. I, 4,8).” (SAID ALI, 1971, p. 296, destaques do autor)

Segundo o autor: “... a sínese⁸ nesse caso é de aplicação frequente e aceita como boa linguagem na gramática do português hodierno.” (p.296).

Conforme podemos depreender, embora ambos os gramáticos utilizem de figuras de linguagem, silepse e sínese, para Pereira (1923) e Said Ali (1971, respectivamente, a fim de explicar que há uma violação de regra, isto é, que o sujeito singular tem seu predicado no plural, também no caso da concordância com estruturas partitivas, segundo os autores, o verbo deve ficar no plural, ou seja, o verbo concorda com o núcleo do SN que constitui o SPREP.

2.3. Os estudos linguísticos e a concordância verbal com estruturas partitivas

Nesta seção, foram reunidas algumas pesquisas anteriormente feitas relacionadas à concordância verbal que tenham ou não relação com o objeto da presente pesquisa, e na área da linguística, para que possamos ver como a área analisa e discute o fenômeno sob análise nesta pesquisa.

Para Peres e Mória (1995), nos casos que chamamos nesta pesquisa de estruturas partitivas, referem-se a elas como construções de sujeito com estrutura complexa, tais como:

- (i) “Reuniu-se na sala um milhar de congressistas.” (p. 476);
- (ii) “A maioria dos deputados votou favoravelmente a proposta (p. 476)”;
- (iii) “Uma parte das pessoas protestou contra as medidas tomadas pelo ministro.” (p. 476);

⁸ SF – Gramática - Construção sintática em que se atende mais ao sentido que à rigidez da forma. In: (<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=s%C3%ADnese>)

Os autores chamam atenção para o fato de os sujeitos de (i), (ii) e (iii) conterem duas expressões que se encontram separadas pela preposição de: (i) ‘milhar’ de ‘congressistas’; (ii) ‘maioria’ de ‘deputados’; (iii) ‘parte’ de ‘pessoas’. Segundo eles, a primeira delas - ‘milhar’, ‘maioria’ e ‘parte’ – “parece comportar-se como núcleo sintáctico da construção, uma vez que, como podemos verificar nos exemplos acima citados, é ela que, em princípio, determina a concordância com o verbo e com o predicativo do sujeito.” (p. 477). Os autores defendem que tais elementos correspondem – juntamente com artigos e numerais que as antecedem – a **quantificadores de contagem**.

No que diz respeito às segundas expressões de (i) ‘congressistas’, (ii) ‘deputados’ e (iii) ‘pessoas’ – ‘é importante notar que é a partir da sua denotação que se constroem os objectos referidos pelos sujeitos” – (p. 478). Para os autores, são esses elementos que têm a capacidade de determinar se a expressão terá ou não, por exemplo, traços semânticos como [+humano] ou [+animado], os quais são fundamentais para que sejam checadas as possibilidades de combinação com os predicadores, considerando, então, as restrições de seleção semântica impostas por esses elementos, vejamos a que isso se refere:

- (i) “Uma parte das pessoas protestou contra as medidas tomadas pelo ministro.”
(p. 478);
- (ii) “* Uma parte das jóias protestou contra as medidas tomadas pelo ministro.”
(p. 478)

Peres e Mória (1995) defendem que as propriedades semânticas dos nomes ‘pessoa’ e ‘jóia’ que estão atribuindo aos SN que contêm as propriedades semânticas que permitem em (i) e impedem em (ii) – ambos acima - a combinação com o verbo ‘protestar’. Em outros termos, os autores chamam a atenção para a peculiaridade da construção desse tipo de estrutura “uma parte de “+ protestar_{verbo} “poderem combinar-se, ou seja, poderem ou não ocorrer; isso porque elementos com traços (-humano) e (-animado) não podem se associar a um tipo de verbo – ‘protestar’ – que apenas predicam ou combinam-se com elementos que possuem estes traços: [+ humano] e [+animado]: ‘jóias’ não protestam, apenas pessoas. Mas como a presente pesquisa não lida exatamente com essas questões, não avançaremos na discussão sobre esses fatos semânticos.

Os autores explicam que as estruturas complexas do tipo (i) “Reuniu-se na sala um milhar de congressistas.” (p. 476); (ii) “A maioria dos deputados votou favoravelmente a proposta (pág. 476)” e (iii) “Uma parte das pessoas protestou contra as medidas tomadas pelo ministro.” (p. 476) colocam um problema que é o seguinte: a concordância nem sempre se efetua apenas com o primeiro núcleo nominal, tal como “se esperaria que acontecesse normalmente.” (p. 478). E por que afirmam isso? Porque a concordância pode ocorrer com o núcleo do SN mais encaixado, ou seja, com o núcleo do SN que constitui o SPREP que, por sua vez, está contido no SN, vejamos:

- (iv) ‘Reuniram-se na sala um milhar de congressistas’

SN [[um milhar] [de [congressistas]]]
 SN SPREP SN

- (v) “A maioria dos deputados votaram favoravelmente a proposta”

SN [[A maioria] [de + [os deputados]]]
 SN SPREP SN

- (vi) “Uma parte das pessoas protestaram contra as medidas tomadas pelo ministro.”

SN [[Uma parte] [de + [as pessoas]]]
 SN SPREP SN

Alertam os autores para essa dupla possibilidade de concordância, segundo eles estruturas desse tipo, isto é:

em que o nome relevante funciona como (parte de) um quantificador de contagem – parecem-nos gozar da aceitação generalizada da comunidade linguística, sendo, aliás, consideradas como meras variantes nas diversas gramáticas e estando documentadas em muitos autores consagrados. Não podemos, pois, nestes casos, falar de agramaticalidade.” (pág. 479).

Eles fazem, ainda, a seguinte consideração:

Interessa-nos, todavia, chamar a atenção para este tipo de estruturas, na medida em que correspondem a uma área de hesitação por parte dos falantes e de concorrência de duas regras alternativas: concordância com o primeiro núcleo nominal do sujeito ou concordância com o segundo núcleo. Esta última forma de concordância é referida nalgumas gramáticas como um caso de “concordância pelo sentido” ou silepse. Compreende-se facilmente esta designação, observando expressões nominais como as seguintes, que ocorrem como sujeito de algumas das frases dadas acima:

(1600) um milhar de crianças

(1601) a maioria dos deputados

(1602) uma parte das pessoas (PERES, MÓIA, 1995, p. 479)

Conforme os autores, tais expressões, embora contenham um núcleo no singular – ‘milhar’, ‘maioria’ e ‘parte’ – remetem não para uma entidade ou indivíduo único, mas para “um conjunto de entidades”. Por isso é que se diz que há concordância com o sentido – plural – da expressão e não com sua forma – singular. Todavia, lembram os autores, apenas o sentido não é suficiente para cancelar o uso do plural do verbo, como é possível depreender de (vii) e (viii) abaixo:

- (vii) * A maior parte do rebanho puseram-se a fugir;
- (viii) A maior parte das ovelhas puseram-se a fugir.

Os autores observam que não basta dizer que a concordância se faz pelo sentido plural; isso porque, em (vii) o nome coletivo ‘rebanho’ expressa a ideia de pluralidade, no entanto, eles defendem que essa construção é agramatical. A concordância deve ser considerada, também, pelo nome plural mais encaixado, afirmam. Em outros termos, ao que tudo indica, a concordância nesse tipo de construção, em que o segundo núcleo nominal é um coletivo, não depende apenas do reconhecimento de um valor semântico de pluralidade, pois envolve, também, “a escolha sintática de um ou outro dos núcleos nominais como determinante da concordância verbal.” (p. 480), No entanto, divergimos dos autores nesse ponto, pois acreditamos que, nesse caso, a concordância no plural vai depender da presença do –s como marcador morfológico de pluralidade desse segundo elemento.

Peres e Mória (1995), finalmente, apresentam duas outras situações em que parece haver, por parte do falante, o uso do verbo no plural bem como o particípio adjetivo com a estrutura mais encaixada, ou seja, com o núcleo do SN que constitui o SPREP, vejamos os exemplos que eles oferecem:

- “a. Um terço dos professores foi convocado para vigiar a prova.
- b. Um terço dos professores foram convocados para vigiar a prova.
- a. Uma parte dos rapazes está interessada em participar na escavação.
- b. Uma parte dos rapazes estão interessados em participar na escavação.” (p. 480)

Os autores acreditam que os falantes optam mais pelas construções do tipo b. acima; ou seja, optam pelas construções em que ocorre a concordância com o nome mais encaixado, ou seja, no plural.

No entanto, há outras construções em que o segundo nome está subentendido, a concordância com o primeiro núcleo é a preferida (PERES, MÓIA, 1995), como é o caso de (a) abaixo. Vejamos os casos apresentados pelos autores que demonstram essa preferência mencionada por eles:

“a. Conhecemos vários rapazes. A maioria era simpática.

b. Conhecemos vários rapazes. A maioria eram simpáticos.

a. Consultámos várias gramáticas, mas só uma parte referia a questão.

b. ? Consultámos várias gramáticas, mas só uma parte referiam a questão.” (p. 480)

O ponto de interrogação antes da construção nesse segundo grupo de frases quer dizer que os autores não sabem precisar se essa estrutura seria ou não utilizada pelos falantes.

Finalmente, os autores fazem a seguinte consideração sobre construções cuja preferência dos falantes/escritores recai sobre o item (b), dizem eles:

[...] os autores optaram por fazer concordar o verbo e eventuais expressões predicativas com o segundo núcleo nominal do sujeito. Os primeiros que apresentamos correspondem a estruturas com quantificadores de contagem que, como referimos, estão sancionadas pelo uso. Registamo-los, pois, meramente a título de curiosidade, acompanhados por uma versão alternativa que deve ser entendida como uma mera variante estilística da original. Ao leitor competirá escolher ou, se preferir, ir variando a seu bel-prazer. São os seguintes os elementos nominais com os quais não é feita a concordância nos textos seguintes: parte (modificado pelas expressões adjectivais grande e maior), maioria, generalidade, grosso, metade e centena. (p. 480-481).

Em seguida, os autores apresentam excertos, extraídos de jornais de Lisboa, em que a preferência se dá pela concordância com o nome mais encaixado, ou seja, no plural, vejamos alguns deles:

(i) “C472 *Diário de Lisboa*, 06-11-1990, p.12”

“Grande parte das detenções efectuadas pela polícia de Nova York relacionam-se com casos de droga” (LEGENDA); (p. 481);

(ii) “C474 – *Correio da Manhã*, 29-09-1989, p.3”

“É certo que esses partidos mal poderiam exercer uma tal acção educativa pois a maioria dos seus mandões são duma ignorância enciclopédica(...) de que até se eximem a fazer pública exibição.” (p. 481)

(iii) “C478 – *Diário de Notícias*, 16-03-1993”

“A Câmara dos Lordes condenou a prática do sadomasoquismo, mesmo que as “vítimas” estejam de acordo com a iniciativa. (...) O julgamento suscitou protestos por parte da organização de defesa dos direitos cívicos (...). Uma centena de pessoas manifestaram-se contra a decisão.” (p. 481)

Verificamos que os verbos ‘relacionam-se’, em (i), ‘são’, em (ii), ‘manifestaram-se’, em (iii) concordam com o elemento mais encaixado, ou seja, com o núcleo do SN constituinte do SPREP.

Do que expomos sobre a concordância com construções cujo sujeito é um quantificador de contagem, no Português Europeu (PE) (estruturas partitivas no PB e cuja nomenclatura assumimos nesta pesquisa), a preferência é que seja feita a concordância com o elemento mais encaixado, ou seja, com o núcleo do SN que é um constituinte do SPREP, ficando o verbo, no plural.

Passemos agora a apresentar pesquisas também da área da Linguística que tenham como objeto a concordância verbal.

Souza (2005) se propôs a investigar a variação da concordância verbal na primeira fase do período arcaico da língua portuguesa (séculos XIII e XIV), a partir de um *corpus* constituído por documentos jurídicos ou notariais (oficiais, particulares e institucionais) e documentos literários em prosa de caráter religioso. Os dados analisados na pesquisa em questão, que foram as orações retiradas dos textos pertencentes ao *corpus*, confirmam a existência de uma regra sintática variável na primeira fase do período arcaico, definida pela influência de fatores de ordem morfofônica, sintática, semântica e social.

As variáveis que foram consideradas para o estudo de Souza (2005) foram: tipo de verbo, saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo, indicação do plural no sujeito, caracterização semântica do sujeito, tipo de texto, realização do sujeito e língua original do texto.

Os resultados da pesquisa sugeriram que a variação na primeira fase do período arcaico não é aleatória, mas condicionada por fatores que também têm sido considerados relevantes para a variação no português brasileiro. Também se pode acrescentar que, segundo o autor, os fatores que tendem a prejudicar a aplicação da regra de concordância verbal são os

seguintes: verbo inacusativo, menor nível de saliência, posposição ao verbo, sujeito [-humano], texto literário e sujeito realizado.

Ainda que a pesquisa de Souza (2005) tenha sido sobre concordância verbal, ela não trata de expressões partitivas especificamente, o que confere um caráter inédito à nossa pesquisa.

A pesquisa de Gameiro (2009) refere-se à variação da concordância verbal na língua escrita de informantes da região central do estado de São Paulo. O *corpus* utilizado foi composto de redações elaboradas por alunos de uma escola estadual na cidade de Rio Claro. Baseado nos princípios da teoria sociolinguística, o estudo parte do pressuposto de que a concordância verbal do português brasileiro é uma regra variável e procura não só verificar esta variação como também identificar os fatores linguísticos e sociais que estão influenciando, condicionando esta variação na escrita formal. A autora define como tais fatores linguísticos os seguintes: saliência fônica verbal, paralelismo formal, características do sujeito e do verbo; e extralinguísticos: sexo, etnia, nível social e grau de escolaridade.

Além da análise objetiva dos dados, que foram as orações retiradas das redações retiradas do *corpus*, foi feita uma investigação através de questionários sobre a percepção dos informantes acerca do fenômeno estudado. Tais questionários foram analisados e demonstraram que fatores como, por exemplo, o número de livros que leem, a produção e correção da concordância verbal, bem como a expectativa do informante influenciam sua percepção em relação ao fenômeno. Como resultado, também se obteve que a concordância verbal é condicionada principalmente por fatores internos, como o princípio de saliência fônica e a posição do sujeito. Outros fatores também são importantes para a ocorrência do fenômeno, como o paralelismo formal, a presença/ausência do sujeito pronominal e o traço semântico do sujeito.

A pesquisa lidou com as regras gerais da concordância verbal na terceira pessoa do plural, sem abordar especificamente as expressões partitivas e utilizou como *corpus* redações escolares, diferenciando-se, assim, da nossa pesquisa.

Gomes (2014) estuda o processo de concordância verbal nas estruturas partitivas nas quais a expressão de quantidade é uma expressão de porcentagem do tipo *n por cento*, e justifica sua pesquisa devido à complexidade e às especificidades sintático-semânticas dessas expressões, e, portanto, apresentam dificuldades no que diz respeito à concordância verbal. O objetivo do autor é analisar as propriedades das expressões de porcentagem no Português Europeu (PE) e a concordância verbal quando estas, juntamente com o nome sobre o qual é efetuada a operação de quantificação, desempenham a função sintática de sujeito. Utilizou-se

o Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), que foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), pois corresponde aos requisitos do *corpus* da pesquisa: é “o maior e o mais diversificado corpus do português (...) disponível para consultas online” (p.59), está anotado com informação morfossintática e encontra-se lematizado. O CRPC é composto por textos orais e escritos, nos gêneros literários, jornalístico, técnico, científico, didático, econômico, jurídico, texto político e *varia*, e pertencentes a vários países de língua portuguesa, são eles: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Macau e Timor-Leste.

Após a classificação quanto aos sintagmas, aos numerais e aos verbos e a catalogação dos dados, chegou-se à seguinte conclusão: no PE, existem três possibilidades para a concordância verbal em expressões de porcentagem, sendo elas:

a) o verbo concorda com os traços de número do numeral da primeira parte da estrutura, como em:

“(...) 47 por cento dos franceses *tinham* uma opinião favorável de Chirac em Fevereiro (...)” (p.85)

b) o verbo concorda com os traços de número do núcleo da segunda parte da estrutura:

“(...) calcula-se que cerca de 1 a 2 por cento *da juventude* em idade escolar *sofre* de irregularidades mentais (...)” (p.85)

c) uma peculiaridade das expressões de porcentagem é a possibilidade de o verbo ocorrer no singular, apesar de ambos os núcleos terem traços de número plural:

“Não só 38 por cento *dos entrevistados acredita* que os trabalhistas estão divididos (...)” (p. 93)

Segundo o autor, apesar de existir a dupla possibilidade de concordância verbal nesses casos, são sempre os traços semânticos do núcleo da segunda parte da estrutura partitiva que são relevantes.

Embora a pesquisa de Gomes (2014) se diferencie um pouco da nossa, as estruturas analisadas, ou seja, expressões de porcentagem parecem ter comportamento semelhante ao que pretendemos estudar.

A proposta central da pesquisa de Benfica (2016) é analisar o fenômeno concordância verbal em primeira e terceira pessoa do plural no português falado na cidade de Vitória – ES. Utilizando os pressupostos teóricos da Sociolinguística, o objetivo foi identificar os fatores linguísticos ou sociais que influenciam o fenômeno e compreender sua sistematização. O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir da análise de entrevistas feitas com cidadãos da

capital capixaba. Em geral, tais análises reforçaram a ideia de que terceira pessoa e primeira pessoa do plural são variáveis dependentes distintas, o que se justifica, principalmente, por três razões: índice de incidência na fala, percentual global de concordância e significado social de cada uma. Mesmo assim, em ambas as variáveis, os resultados apontam para uma mudança em direção à variante padrão, com maior incidência de concordância na fala dos mais jovens e mais escolarizados.

Embora a pesquisa de Benfica (2016) seja diferente, por se tratar da modalidade oral e por não abordar as expressões partitivas especificamente, é interessante apresentar seus resultados devido à análise ter sido sobre concordância verbal de maneira geral.

A dupla possibilidade de concordância verbal com sujeitos complexos também foi estudada na tese de Sandoval (2018). Segundo a autora, no PE, há pesquisas que descrevem o fenômeno da concordância do verbo com o modificador plural como agramatical. Já no PB, no âmbito da psicolinguística, o fenômeno é considerado como falha de processamento.

A autora pretende, através da Teoria Gerativa, saber como a operação *Agree* compreende a concordância parcial identificada nos exemplos extraídos da pesquisa:

- (i) O endereço das vítimas caíram em mãos erradas.
- (ii) A nota dos alunos foram péssimas.
- (iii) A utilização das plantas são para curar doenças.
- (iv) A grama dos vizinhos são sempre mais verdes do que a nossa.
- (v) A política de bagagem das companhias aéreas são bem rígidas.
- (vi) A descrição dos cargos não são complexos assim.
- (vii) A compra das passagens não apareceram para mim.
- (viii) O homem das cavernas viviam em sociedade.
- (ix) Kit flagrante de PMs são legitimados pelo nosso sistema de justiça (p.29)

As orações como foram colocadas implicam uma leitura segundo a qual o primeiro elemento nominal da construção faz referência a várias entidades, embora se refira a uma entidade abstrata singular.

Como conclusão, a autora constata que sua hipótese contribui para os propósitos teóricos do minimalismo, bem como para a percepção de que um fenômeno tão natural no PB, embora, muitas vezes, considerado como erro ou como um exemplo de agramaticalidade, é regido por propriedades sintáticas e semânticas específicas que reforçam que a língua é um sistema vivo, e o fenômeno da dupla concordância constitui um forte argumento no combate ao preconceito linguístico.

Apesar de alguns dados da pesquisa apresentarem estruturas partitivas e estas terem sido exemplificadas na tese, Sandoval (2018) não analisa especificamente o comportamento dessas estruturas. Isso confirma o caráter inédito do que trataremos relacionado a esse fenômeno.

Outra pesquisa focada na concordância verbal é a de Ramos (2019). Seu objetivo principal foi analisar o uso variável da CV de primeira e terceira pessoas do plural na língua falada e escrita do PB, em específico, em entrevistas e narrações de alunos de 6º, 9º e 3º anos de uma escola regular do Recife, tendo em mente o estudo dessa variação nas duas modalidades da língua portuguesa. Também seguindo os pressupostos da teoria da variação e mudança linguística, os dados foram classificados de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos, por meio de um estudo empírico e sincrônico.

Os dados que compuseram o *corpus* da pesquisa foram contextos declarativos finitos com a presença da 1ª e 3ª pessoas do plural em que há presença (variante padrão) *versus* ausência (variante não-padrão) de CV. Como resultado, verificou-se que os seguintes fatores: paralelismo linguístico de nível oracional, paralelismo linguístico de nível discursivo e saliência fônica verbal foram considerados condicionantes tanto na fala quanto na escrita.

Novamente, verificamos que também essa pesquisa não analisa especificamente estruturas partitivas e possui foco nos fatores que são condicionantes para a opção da variante padrão ou não-padrão.

Pode-se observar que apenas uma das pesquisas aqui apresentadas possui foco no comportamento da concordância verbal em estruturas partitivas, mais especificamente nas expressões de porcentagem. Ainda que seja necessário fazer mais buscas para verificar outras pesquisas que também abordaram as estruturas partitivas, contata-se que, das buscas feitas até então, a presente pesquisa, por possuir caráter diacrônico, parece ser inédita e, portanto, relevante para os estudos da linguagem.

O próximo capítulo terá o objetivo de apresentar os dados qualitativos e quantitativo, com as respectivas análises.

Capítulo 3 - Apresentação e análise de dados

Nesta seção, apresentamos os dados coletados dos *corpora*, tanto dos jornais do século XIX, quanto os que foram colhidos dos jornais do século XXI. Para isso, faz-se necessário esclarecer como foi sistematizada a procura e a seleção de dados relevantes para as ocorrências aqui consideradas e apresentadas.

Como foi esclarecido na metodologia, os arquivos retirados do site do Arquivo Público Mineiro possuíam baixa qualidade devido à deterioração dos documentos e, conseqüentemente, apagamento das imagens dos jornais *O Universal* e *Diario de Minas*. Portanto, devido a essas limitações com relação à compatibilidade do formato dos arquivos com o *Concordanciador AntConc*, as ocorrências encontradas foram em quantidade reduzida. No total, foram analisadas 528 páginas de jornais do século XIX, com número reduzido de ocorrências. Por isso, para fins de conformidade, fez-se necessário analisar aproximadamente a mesma quantidade de páginas de jornais relativos ao século XXI, considerando que os jornais deste século são maiores e possuem mais páginas. Diante disso, sabendo-se que cada edição dos jornais do século XXI possui, em média, 20 páginas, foram analisadas 25 edições para esta pesquisa.

3.1 Descrição da estrutura interna do sintagma nominal em dados que foram coletados nos *corpora* da pesquisa

Começaremos nossa análise do passado para o presente, por isso iniciaremos pelo século XIX.

3.1.1 Análise da estrutura interna de dados extraídos de jornais do século XIX

Para descrever as ocorrências que foram encontradas no *corpus* da pesquisa que se referem aos textos presentes nas edições dos jornais *O Universal* e *Diario de Minas* que foram analisadas, utilizaremos, como discutimos no Capítulo anterior, a proposta de Mendes (2000) para a descrição interna do sintagma nominal. Para tanto, apresentaremos as construções que foram coletadas e, em seguida, as analisaremos.

Como discutimos anteriormente, o SN de projeção máxima terá a seguinte descrição:

													Complementos		
Det	PV4	Poss	PV3	Ref	PV2	Qf	PV1	PNE	PNI	Qv	NSN	SAdj	SPrep	Frase	Epíteto

Área esquerda

Área direita

Relembremos quais elementos podem exercer cada uma das funções seja na porção esquerda e direita

Quadro 2: Funções dos elementos das áreas direita e esquerda do NSN

Função	Elementos que podem desempenhá-la
Det	<i>o, este, aquele, algum, nenhum, um.</i>
Poss	<i>meu, seu, nosso, etc.</i>
Ref	<i>mesmo, próprio, certo.</i>
Qf	<i>poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro, segundo, terceiro, etc</i>
Num	<i>Um, dois, três, quatro, etc...</i>
PNE	<i>mero, pretenso, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo, etc. (classe aberta)</i>
PNI	<i>mau, novo, velho, claro, grande. (classe fechada)</i>
QV	<i>senhor, dom, doutor, cônego, reverendo, padre, vigário, desembargador, brigadeiro, tenente, capitão, coronel, sargento, sargento mór, alferes, guarda, guarda mór, presidente, tabelião, professor.</i>
SAdj	<i>Qualquer adjetivo</i>
SPrep	<i>preposição + (det) + nome</i>
Frase	<i>São aquelas iniciadas por pronomes relativos e que seguem imediatamente o núcleo do SN</i>
Epíteto	<i>SN, SAdjs e frases</i>

Fontes: Mateus et al. (1983), Mendes (2000) e Perini (2005)

Mas, antes de proceder à descrição do SN máximo, gostaríamos de registrar que chamaremos de SN1 ao primeiro sintagma nominal que constitui o grande SN e de SN2 o sintagma nominal que constitui o sintagma preposicionado que, por sua vez, constitui o grande SN, que pode ser assim descrito: SN [Sn + Sprep [sn]]. A seguir, veja as ocorrências coletadas para esta pesquisa e as devidas análises:

1) “A rebelião de Odysseas será suprimida com muita facilidade, porque a maior parte de suas tropas se declarou contra elle a favor do Governo.” [*O Universal*, Edição 10, p.2, 08/08/1825]

Quadro 3

SN	a maior <u>parte</u> de suas tropas
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	de suas tropas
sn ₂	
det	Suas
nsn	Tropas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso da ocorrência de (1), o verbo se encontra no singular e, portanto, realiza a concordância com o núcleo do SN₁, que, no caso é ‘parte’.

2) “A maior parte das suas comidas dantes erão assadas no fogo.” [*O Universal*, Edição 58, p.3, 28/11/1825]

Quadro 4

SN	A maior parte das suas comidas dantes
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das suas comidas dantes
sn ₂	as suas comidas dantes
nsn	Comidas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso da ocorrência acima, diferentemente do primeiro caso, pode-se identificar que o verbo *erão* se encontra no plural, o que caracteriza uma preferência pela concordância com o núcleo do SN₂, ou seja, o NSN *comidas*.

- 3) “Como parte destes Mausoleos Indiaticos se achão no meio de huma derribada, que se fez para as plantações dos Indios deste anno Ordenei aos Soldados que desviassem delles as chammas na occasião da queima.” [*O Universal*, Edição 40, p.2, 17/10/1825]

Quadro 5

SN	parte destes Mausoleos Indiaticos
sn ₁	Parte
nsn	Parte
sprep	destes Mausoleos
sn ₂	estes Mausoleos
det	Estes
nsn	Mausoleos
sadj	Indiaticos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência acima, pode-se perceber que o verbo *achão* se encontra no plural, o que caracteriza uma concordância com o núcleo do SN₂, ou seja, o NSN *Mausoleos*.

- 4) “Se na Europa ainda morre por ignorancia de seus educadores a terça parte dos meninos.” [*O Universal*, Edição 36, p.4, 07/10/1825]

Quadro 6

SN	a terça parte dos meninos
sn ₁	a terça parte
det	A
qf	Terça
nsn	Parte

sprep	dos meninos
sn ₂	os meninos
det	Os
n _{sn}	Meninos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência anterior, o verbo *morre* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, *parte*.

- 5) “Huma parte dos seus habitantes se havião retirado á outros Paizes...” [*O Universal*, Edição 53, p.3, 16/11/1825]

Quadro 7

SN	Huma parte dos seus habitantes
sn ₁	Huma parte
det	Huma
n _{sn}	Parte
sprep	dos seus habitantes
sn ₂	seus habitantes
det	Seus
n _{sn}	Habitantes

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência acima, o verbo *havião*, por estar no plural, concorda com o núcleo do SN₂, que é *habitantes*.

- 6) “A maior parte dos seus habitantes forão sepultados nas ruínas.” [*O Universal*, Edição 26, p.3, 14/09/1825]

Quadro 8

SN	A maior parte dos seus habitantes
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	dos seus habitantes
sn ₂	os seus habitantes
det	os seus
nsn	Habitantes

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso da ocorrência acima, pode-se verificar que o verbo *forão* se encontra no plural, o que caracteriza a concordância com o núcleo do SN₂, ou seja, o NSN *habitantes*.

7) “Quão louca serie de princípios, e deducções não he por exemplo necessaria na discussão sobre as restricções do commercio do pão!” [*O Universal*, Edição 66, p.2, 16/12/1825]

Quadro 9

SN	Serie de princípios e deducções
sn ₁	Serie
sprep	de princípios e deducções
sn ₂	princípios e deducções

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência acima, podemos perceber que o verbo *he* se encontra no singular, o que caracteriza uma preferência pela concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, *serie*.

8) “A maioria dos votos deo huma decisão negativa.” [*O Universal*, Edição 51, p.2, 11/11/1825]

Quadro 10

SN	A maioria dos votos
sn ₁	A maioria
det	A
n _{sn}	Maioria
sprep	dos votos
sn ₂	os votos
det	Os
n _{sn}	Votos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, assim como a anterior, pode-se perceber que o verbo *deo* se encontra no singular. Isso significa que houve uma preferência pela concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, *maioria*.

9) “Mas tal é a força que tem o barão de Porto-Alegre às suas ordens; normal que pese a meia duzia de intrigantes e de parvos, é essa a força que hoje comanda o soldado de Moron.” [*Diario de Minas*, Edição 51, p.1, 29/07/1866]

Quadro 11

SN	a meia duzia de intrigantes e de parvos
sn ₁	a meia dúzia
det	A
qf	Meia
n _{sn}	Dúzia
sprep	De intrigantes e de parvos
sn ₂	Intrigantes e parvos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência em questão, o verbo *pese* se encontra no singular, o que significa que houve uma concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, *duzia*.

- 10) “No lugar denominado Pontar de Caçapava, na provincia de Corrientes, achava-se no dia 28 do passado um grupo de argentinos que dizião fazer parte da divisão Reguera, que devia incorporar-se ao 2º corpo do exercito.” [*Diario de Minas*, Edição 51, p.2, 29/07/1866]

Quadro 12

SN	um grupo de argentinos
sn ₁	um grupo
det	Um
nsn	Grupo
sprep	de argentinos
sn ₂	Argentinos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nesse excerto do jornal *Diario de Minas*, na Edição 51, página 2, podemos perceber a presença da concordância verbal para a expressão partitiva *um grupo de argentinos*. O verbo *achava-se* se encontra no singular e, por isso, concorda com o núcleo do SN₁ *grupo*.

- 11) “Sendo presente a S. M. o Imperador a menos exactidão com que a maior parte dos Juizes das Contas dos Testamentos tem dado execução ao Decreto de 27 de Novembro de 1812...” [*O Universal*, Edição 2, p.1, 20/07/1825]

Quadro 13

SN	A maior parte dos juizes das contas dos Testamentos
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	dos juizes das contas dos testamentos

sn ₂	os juízes das contas dos testamentos
det	Os
nsn	Juízes
sprep	das contas dos testamentos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso da ocorrência acima, que foi encontrada no jornal *O Universal*, na Edição 2, de 20 de julho de 1825, o verbo *tem* se encontra no singular, devido à existência do acento circunflexo que diferencia o plural do singular, que já existia na época. Portanto, o verbo concorda com o núcleo do SN₁, que é a palavra *parte*.

3.1.2 Análise da estrutura interna de dados extraídos de jornais do século XXI

Nesta seção, encontram-se as descrições das estruturas das ocorrências que foram coletadas do corpus relativo aos jornais do século XXI que foram considerados para a pesquisa: *O Tempo* e *Estado de Minas*.

12) “A maioria dos casos é registrada na faixa etária de 20 a 34 anos, com 18,2 mil notificações (57,5%).” [*O Tempo*, p. 11, 24/02/2020]

Quadro 14

SN	A maioria dos casos
sn ₁	A maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	Dos
sn ₂	os casos
det	Os
nsn	Casos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo está no singular e, portanto, concorda com o SN₁, ou seja, com o núcleo do SN.

- 13) “Mas a maioria dos brasileiros não trocaria um balaio cheio desses deputados pelo General Augusto Heleno.” [*O Tempo*, p.11, 24/02/2020]

Quadro 15

SN	a maioria dos brasileiros
sn ₁	a maioria
det	A
n _{sn}	Maioria
s _{prep}	dos brasileiros
sn ₂	os brasileiros
det	Os
n _{sn}	Brasileiros

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: O mesmo ocorre na sentença acima, em que o verbo *trocaria* realiza a concordância com o núcleo do SN₁ apresentando-se, portanto, no singular.

- 14) “A maioria dos blocos da cidade é formada por pequenas agremiações e que não utilizam equipamentos de som nem carros.” [*O Tempo*, p.18, 27/02/2020]

Quadro 16

SN	A maioria dos blocos
sn ₁	a maioria
det	A
n _{sn}	Maioria
s _{prep}	dos blocos
sn ₂	os blocos
det	Os

nsn	Blocos
-----	--------

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, assim como a anterior, pode-se perceber que o verbo *é* se encontra no singular. Isso significa que houve uma preferência pela concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, *maioria*.

15) “Até o fim de junho, porém, a maioria dos Estados deverá ter os leitos particulares e públicos lotados.” [*O Tempo*, p.8, 04/05/2020]

Quadro 17

SN	A maioria dos Estados
sn ₁	A maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	dos Estados
sn ₂	os Estados
det	Os
nsn	Estados

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

16) “...que a grande maioria das categorias tem para convivência em família e para descansar.” [*O Tempo*, p.14, 04/03/2020]

Quadro 18

SN	a grande maioria das categorias
sn ₁	a grande maioria

det	A
pni	Grande
nsn	Maioria
sprep	das categorias
sn ₂	gorias
det	As
nsn	Categorias

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência acima, o verbo *tem* está no singular, já que o PB contemporâneo possui a regra para o acento circunflexo que marca o plural nesse verbo. Portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

17) “Já a maioria dos mortos tinha mais de 60 anos.” [*Estado de Minas*, p.5, 09/06/2020]

Quadro 19

SN	a maioria dos mortos
sn ₁	a maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	dos mortos
sn ₂	os mortos
det	Os
nsn	Mortos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, o verbo *tinha* está no singular, então concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

18) “A maioria das famílias não divide tarefas domésticas, provavelmente pela facilidade de ter uma empregada ou faxineira, mão de obra escassa e cara em outros países.” [*Estado de Minas*, p.24, 24/05/2020]

Quadro 20

SN	A maioria das famílias
sn ₁	a maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	das famílias
sn ₂	as famílias
det	As
nsn	Famílias

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *divide* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

19) “...na qual argumentou que a maioria dos voos era usada para repatriar brasileiros que estão nos EUA e para o transporte de cargas.” [*Estado de Minas*, p.15, 25/05/2020]

Quadro 21

SN	a maioria dos voos
sn ₁	a maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	dos voos
sn ₂	os voos
det	Os
nsn	Voos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência acima, o verbo *era* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

- 20) “A maioria dos manifestantes usava máscaras, mas alguns estavam sem proteção, numa aglomeração de pessoas que também contraria orientações de autoridades sanitárias...” [Estado de Minas, p.3, 01/06/2020]

Quadro 22

SN	A maioria dos manifestantes
sn ₁	a maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	dos manifestantes
sn ₂	os manifestantes
det	Os
nsn	Manifestantes

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, percebemos que o verbo *usava* está no singular, caracterizando, portanto, a concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, com *maioria*.

- 21) “A maioria das sugestões foram consideradas estranhas à matéria.” [Estado de Minas, p.2, 29/05/2020]

Quadro 23

SN	A maioria das sugestões
sn ₁	A maioria
det	A
nsn	Maioria
sprep	das sugestões
sn ₂	as sugestões
det	As
nsn	Sugestões

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na sentença acima, o verbo *foram* está no plural e, portanto, concorda com o núcleo do SN₂, ou seja, com *sugestões*.

22) “... a maior parte dos óbitos se concentram na população negra...” [*Estado de Minas*, p.16, 05/06/2020]

Quadro 24

SN	a maior parte dos óbitos
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
n _{sn}	Parte
sprep	dos óbitos
sn ₂	Os óbitos
det	Os
n _{sn}	Óbitos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *concentram* se encontra no plural e, portanto, concorda com o núcleo do SN₂, ou seja, com *óbitos*.

23) “De acordo com o Spotify, a maior parte dos ouvintes está em São Paulo, Londres, Belo Horizonte, Paris e Santiago do Chile–nesta ordem.” [*Estado de Minas*, p.6 (Cultura), 01/06/2020]

Quadro 25

SN	a maior parte dos ouvintes
sn ₁	a maior parte
det	A

pni	Maior
nsn	Parte
sprep	dos ouvintes
sn ₂	os ouvintes
det	Os
nsn	Ouvintes

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, o verbo está no singular, caracterizando, assim, uma concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

24) “Para tanto, contava com recursos do governo real dinamarquês para custear pesquisas, porém, a maior parte das despesas era paga com recursos familiares.” [*Estado de Minas*, p.11 (Gerais), 31/05/2020]

Quadro 26

SN	A maior parte das despesas
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das despesas
sn ₂	As despesas
det	As
nsn	Despesas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *era* está no singular e, por isso, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

25) “Sua alma enxerga perspectivas novas, e boas oportunidades onde a maior parte das pessoas só consegue perceber o caos.” [Estado de Minas, p.2 (Cultura), 29/05/2020]

Quadro 27

SN	a maior parte das pessoas
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das pessoas
sn ₂	as pessoas
det	As
nsn	Pessoas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *consegue* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

26) “A maior parte das faixas, porém, era de apoio ao presidente e sem ataques a instituições.” [Estado de Minas, p.2 (Política), 25/05/2020]

Quadro 28

SN	A maior parte das faixas
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das faixas
sn ₂	as faixas
det	As
nsn	Faixas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *era* está no singular, o que significa que concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, concorda com *parte*.

27) “Outro deputado que esteve na reunião disse que a maior parte das críticas foi destinada à Secretaria de Educação e à Cemig.” [*O Tempo*, p.4, 12/02/2020]

Quadro 29

SN	A maior parte das críticas
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das críticas
sn ₂	as críticas
det	As
nsn	Críticas

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Na ocorrência em questão, o verbo *foi* se encontra no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

28) “Há cinco anos, no Brasil e em grande parte da região, a maior parte das licitações era ganha por um número restrito de empresas regionais, sob o domínio das empreiteiras.” [*O Tempo*, p.16, 12/02/2020]

Quadro 30

SN	A maior parte das licitações
sn ₁	A maior parte
det	A

pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das licitações
sn ₂	As licitações
det	As
nsn	Licitações

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, o verbo *era* está no singular, o que caracteriza uma concordância com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

29) “A maior parte das invasões é de grupos familiares.” [*O Tempo*, p.3, 15/02/2020]

Quadro 31

SN	A maior parte das invasões
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	das invasões
sn ₂	Parte
det	As
nsn	Invasões

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

30) “A maior parte desses candidatos às prefeituras são novatos no partido.” [*O Tempo*, p.4, 16/02/2020]

Quadro 32

SN	A maior parte desses candidatos
sn ₁	a maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	Desses candidatos
sn ₂	Esses candidatos
det	Esses
nsn	Candidatos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nesse caso, o verbo *são* está no plural e, portanto, concorda com o núcleo do SN₂, ou seja, com *candidatos*.

31) “A maior parte dos servidores não faz isso, mas tem algumas pessoas que abusam.” [O *Tempo*, p.7, 16/02/2020]

Quadro 33

SN	A maior parte dos servidores
sn ₁	A maior parte
det	A
pni	Maior
nsn	Parte
sprep	dos servidores
sn ₂	os servidores
det	Os
nsn	Servidores

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *faz* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

- 32) “Grande parte dos detentos é ligada ao PCC, de São Paulo, e a facções do Norte e Nordeste.” [*O Tempo*, p.7, 27/10/2017]

Quadro 34

SN	Grande parte dos detentos
sn ₁	Grande parte
det	
nsn	Parte
sprep	dos detentos
sn ₂	os detentos
det	Os
nsn	Detentos

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *é* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

- 33) “Grande parte dos parlamentares exhibe o mais baixo nível de argumentação.” [*O Tempo*, p.20, 27/10/2017]

Quadro 35

SN	grande parte dos parlamentares
sn ₁	grande parte
pni	Grande
nsn	Parte
sprep	dos parlamentares
sn ₂	os parlamentares
det	Os
nsn	Parlamentares

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nessa ocorrência, o verbo *exibe* está no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, que é *parte*.

34) “Uma grande parte dos eleitores está com ele por ser antipetista.” [*O Tempo*, p.17, 25/10/2018]

Quadro 36

SN	Uma grande parte dos eleitores
sn ₁	Uma grande parte
det	Uma
pni	Grande
nsn	Parte
sprep	dos eleitores
sn ₂	os eleitores
det	Os
nsn	Eleitores

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No exemplo acima, o verbo está no singular, então está concordando com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

35) “Segundo a corporação, Bruno e outros detentos foram dispensados porque “grande parte dos serviços terminou”.” [*O Tempo*, p.36, 28/04/2018]

Quadro 37

SN	grande parte dos serviços
sn ₁	grande parte
pni	Grande

nsn	Parte
sprep	dos serviços
sn ₂	os serviços
det	Os
nsn	Serviços

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: Nesse caso, o verbo *terminou* se encontra no singular e, portanto, concorda com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

36) “A grande parte das regiões tem isolamento abaixo da média.” [*Estado de Minas*, p.14 (COVID-19), 06/06/2020]

Quadro 38

SN	A grande parte das regiões
sn ₁	A grande parte
det	A
pni	Grande
nsn	Parte
sprep	das regiões
sn ₂	as regiões
det	As
nsn	Regiões

Fonte: Dados da pesquisa

Análise: No caso acima, o verbo *tem* está no singular, pois não possui o acento circunflexo que diferencia do plural. Portanto, está concordando com o núcleo do SN₁, ou seja, com *parte*.

3.2. Análise quantitativa dos dados coletados

Após a exposição das análises com as descrições dos sintagmas nominais presentes nas ocorrências de estruturas partitivas encontradas nos *corpora*, agora, apresentaremos os dados a partir de uma análise quantitativa, para que seja feito o cômputo da concordância verbal no singular e no plural - que concorda com o núcleo do SN₁ ou com o núcleo do SN₂ - nas ocorrências das estruturas partitivas encontradas. Espera-se que essa análise quantitativa possa nos dar pistas sobre qual a tendência em cada período sincrônico analisado sobre o uso do fenômeno ora pesquisado.

Os dados se encontram organizados nos quadros a seguir, divididos por século e por tipo de concordância, se no singular ou no plural.

Tabela 1: Concordância do verbo com o núcleo do SN₁ – verbo no singular - Século XIX

Estrutura	Periódico
“A maioria dos votos deu huma decisão negativa.”	<i>O Universal</i> , ed.58, p.3, 11/11/1825
“A rebelião de Odysseas será suprimida com muita facilidade, porque a maior parte de suas tropas se declarou contra elle a favor do Governo.”	<i>O Universal</i> , ed.10, p.2, 8/08/1825
“Se na Europa ainda morre por ignorancia de seus educadores a terça parte dos meninos.”	<i>O Universal</i> , ed.36, p.4, 07/10/1825
“Quão louca serie de principios, e deducções não he por exemplo necessaria na discussão sobre as restricções do commercio do pão!”	<i>O Universal</i> , ed. 66, p.2, 16/12/1825
“Mas tal é a força que tem o barão de Porto-Alegre às suas ordens; normal que pese a meia duzia de intrigantes e de parvos, é essa a força que hoje comanda o soldado de Moron.”	<i>Diario de Minas</i> , ed.51, p.1, 29/07/1866
“No lugar denominado Pontar de Caçapava, na provincia de Corrientes, achava-se no dia 28 do passado um grupo de argentinos que dizião fazer parte da divisão Reguera, que devia incorporar-se ao 2º corpo do exercito.”	<i>Diario de Minas</i> , ed.51, p.2, 29/07/1866
“Sendo presente a S. M. o Imperador a menos exactidão com que a maior parte dos Juizes das Contas dos Testamentos tem dado execução ao Decreto de 27 de Novembro de 1812...”	<i>O Universal</i> , Edição 2, p.1, 20/07/1825
Total: 07	

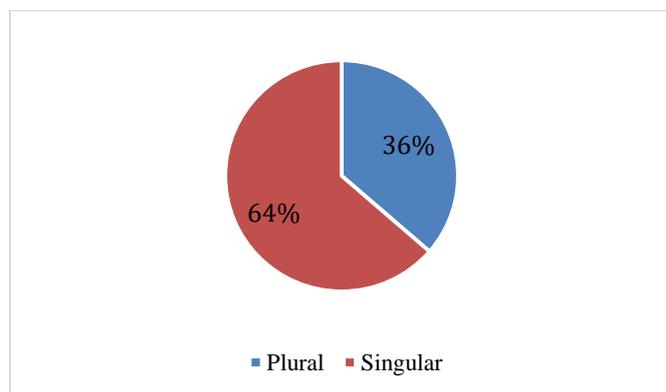
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2: Concordância do verbo com o núcleo do SN₂ – verbo no plural - Século XIX

Estrutura	Periódico
“A maior parte das suas comidas dantes erão assadas no fogo.”	(<i>O Universal</i> , ed.58, p.3, 28/11/1825)
“Como parte destes Mausoleos Indiativos se achão no meio de huma derribada...”	(<i>O Universal</i> , ed.40, p.2, 17/10/1825)
“Huma parte dos seus habitantes se havião retirado á outros Paizes...”	(<i>O Universal</i> , ed. 53, p.3, 16/11/1825)
“A maior parte dos seus habitantes forão sepultados nas ruinas.”	(<i>O Universal</i> , ed.26, p.3, 14/09/1825)

Total: 04

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 1: Ocorrência de concordância nos jornais do século XIX

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o que vimos no capítulo 2, referencial teórico deste estudo, a gramática normativa do século XIX de Ribeiro (1885) menciona, no que diz respeito à concordância verbal, que o verbo deverá concordar com o sujeito em número e pessoa. No entanto, algumas das regras previstas pela gramática de Ribeiro (1885) fazem referência aos substantivos coletivos, apresentando uma possibilidade de concordância com um termo mental e não apenas o expresso. Brandão (1888) prescreve que, se o coletivo do singular é partitivo e se, junto a ele, houver um complemento no plural regido pela preposição de, o verbo, caso o preceda, deve estar flexionado no singular. Porém, segundo o autor, o verbo deve ser flexionado no plural devido à ideia coletiva que os indivíduos propiciam.

Sendo assim, de acordo com a análise quantitativa exposta no quadro acima, nos casos que extraímos dos jornais *O Universal* e *Diario de Minas*, encontramos 7 (64%) casos com o verbo no singular, concordando com o núcleo do SN₁, e 4 (36%) casos no plural, que

concordam com o núcleo do SN₂. Isso indica que os jornais não seguiram as prescrições das gramáticas da época, pois, ainda que a diferença seja sutil, a maioria dos verbos das ocorrências se encontra no singular.

Tabela 3: Concordância do verbo com o núcleo do SN₁ - verbo no singular - Século XXI

Estrutura	Periódico
“A maioria dos casos é registrada na faixa etária de 20 a 34 anos, com 18,2 mil notificações (57,5%).”	(<i>O Tempo</i> , p. 11, 24/02/2020)
“Mas a maioria dos brasileiros não trocaria um balaio cheio desses deputados pelo General Augusto Heleno.”	(<i>O Tempo</i> , p.11, 24/02/2020)
“A maioria dos blocos da cidade é formada por pequenas agremiações e que não utilizam equipamentos de som nem carros.”	(<i>O Tempo</i> , p.18, 27/02/2020)
“Até o fim de junho, porém, a maioria dos Estados deverá ter os leitos particulares e públicos lotados.”	(<i>O Tempo</i> , p.8, 04/05/2020)
“... que a grande maioria das categorias tem para convivência em família e para descansar.”	(<i>O Tempo</i> , p.14, 04/03/2020)
“Já a maioria dos mortos tinha mais de 60 anos.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.5, 09/06/2020)
“A maioria das famílias não divide tarefas domésticas, provavelmente pela facilidade de ter uma empregada ou faxineira, mão de obra escassa e cara em outros países.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.24, 24/05/2020)
“...na qual argumentou que a maioria dos voos era usada para repatriar brasileiros que estão nos EUA e para o transporte de cargas.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.15, 25/05/2020)
“A maioria dos manifestantes usava máscaras, mas alguns estavam sem proteção, numa aglomeração de pessoas que também contraria orientações de autoridades sanitárias...”	(<i>Estado de Minas</i> , p.3, 01/06/2020)
“De acordo com o Spotify, a maior parte dos ouvintes está em São Paulo, Londres, Belo Horizonte, Paris e Santiago do Chile–nesta ordem.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.6 (Cultura), 01/06/2020)
“Para tanto, contava com recursos do governo real dinamarquês para custear pesquisas, porém, a maior parte das despesas era paga com recursos familiares.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.11, 31/05/2020)
“Sua alma enxerga perspectivas novas, e boas oportunidades onde a maior parte das pessoas só consegue perceber o caos.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.2, 29/05/2020)
“A maior parte das faixas, porém, era de apoio ao presidente e sem ataques a instituições.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.2, 25/05/2020)
“Outro deputado que esteve na reunião disse que a maior parte das críticas foi destinada à Secretaria de Educação e à Cemig.”	(<i>O Tempo</i> , p.4, 12/02/2020)
“Há cinco anos, no Brasil e em grande parte da região, a maior parte das licitações era ganha por um número restrito de empresas regionais, sob o domínio das empreiteiras.”	(<i>O Tempo</i> , p.16, 12/02/2020)
“A maior parte das invasões é de grupos familiares.”	(<i>O Tempo</i> , p.3, 15/02/2020)
“A maior parte dos servidores não faz isso, mas tem algumas pessoas que abusam.”	(<i>O Tempo</i> , p.7, 16/02/2020)
“Grande parte dos detentos é ligada ao PCC, de São Paulo, e a facções do Norte e Nordeste.”	(<i>O Tempo</i> , p.7, 27/10/2017)
“Grande parte dos parlamentares exibe o mais baixo nível de	(<i>O Tempo</i> , p.20, 27/10/2017)

argumentação.”	
“Uma grande parte dos eleitores está com ele por ser antipetista.”	(<i>O Tempo</i> , p.17, 25/10/2018)
“Segundo a corporação, Bruno e outros detentos foram dispensados porque “grande parte dos serviços terminou ”.	(<i>O Tempo</i> , p.36, 28/04/2018)
“A grande parte das regiões tem isolamento abaixo da média.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.14, 06/06/2020)
Total: 22	

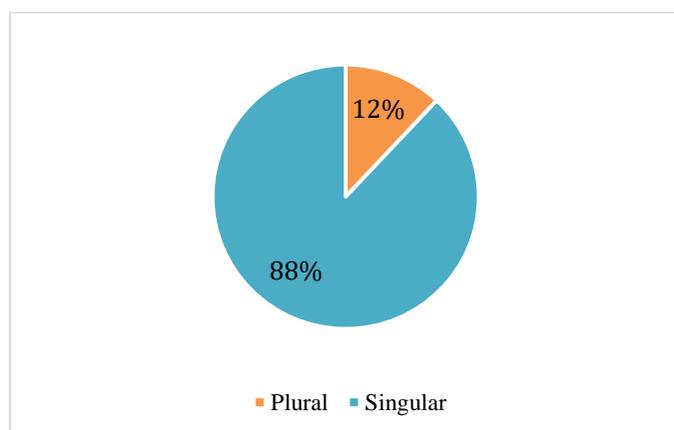
Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 4: Concordância do verbo com o núcleo do SN₂ - verbo no plural - Século XXI

Estrutura	Periódico
“A maioria das sugestões foram consideradas estranhas à matéria.”	(<i>Estado de Minas</i> , p.2, 29/05/2020)
“... a maior parte dos óbitos se concentram na população negra...”	(<i>Estado de Minas</i> , p.16, 05/06/2020)
“A maior parte desses candidatos às prefeituras são novatos no partido.”	(<i>O Tempo</i> , p.4, 16/02/2020)
Total: 3	

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2: Ocorrência de concordância nos jornais do século XXI



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme vimos no capítulo 2, no referencial teórico desta pesquisa, os gramáticos normativos do PB contemporâneo - Bechara (2009) e Rocha Lima (1994) - prescrevem que se colocarmos uma expressão quantitativa como *grande número de*, *grande quantidade de*,

parte de, grande parte de, a maior parte de, e equivalentes, com um nome ou pronome no plural, o verbo pode ser flexionado tanto no singular, concordando com o núcleo do SN₁, quanto no plural, que significa uma concordância com o núcleo do SN₂. A decisão pela preferência de concordância verbal cabe ao falante. Portanto, os casos aqui apresentados seguem as regras gramáticas normativas contemporâneas.

No que diz respeito à linguística, conforme vimos, segundo os autores Peres e Mória (1995), as expressões partitivas, embora contenham um núcleo no singular, remetem não para uma entidade ou indivíduo único, mas para “um conjunto de entidades”. Por isso é que se diz que há concordância com o sentido – plural – da expressão e não com sua forma – singular. Isso significa que, para esses autores, no português europeu, os falantes optam com mais frequência por fazer a concordância com o segundo núcleo nominal do sujeito, ou seja, com o que aqui chamamos de núcleo do SN₂.

No entanto, há uma clara tendência a uma preferência pela concordância no singular, que concorda com o núcleo do SN₁, embora ainda haja algumas poucas ocorrências nas quais o verbo se encontra no plural. Isso porque, de acordo com a análise quantitativa apresentada no quadro acima, foram 22 (88%) ocorrências com o verbo no singular – sendo 9 do jornal *Estado de Minas* e 13 do jornal *O Tempo* - e 3 (12%) casos com o verbo no plural – 2 do jornal *Estado de Minas* e 1 do jornal *O Tempo*.

Considerações finais

O objetivo geral da presente pesquisa era: tomando por base que, no século XXI, a orientação das gramáticas normativas é a de que a concordância verbal com estruturas partitivas - *a maioria de, a maior parte de, grande parte de, parte de* e equivalentes - o verbo pode ficar ou no singular ou no plural, pretendíamos fazer um estudo comparativo entre jornais do século XXI e jornais do século XIX a fim de verificarmos se os primeiros realizam essa dupla concordância, e quais as regras preconizadas no século XIX e como os jornais as praticavam.

Diante das análises e dos resultados alcançados que foram expostos no capítulo anterior, verificamos que, em ambos os séculos analisados, há uma preferência, nos corpora analisados, pela concordância verbal com o núcleo do SN₁ em detrimento da concordância com o núcleo do SN₂, como previsto em nossa hipótese. Ou seja, a tendência é o verbo concordar com o núcleo do SN no singular. Como vimos, de acordo com os gráficos referentes aos jornais do século XIX, 64% dos casos ocorreram com o verbo no singular, concordando com o núcleo do SN₁, e 36% dos casos ocorreram no plural, que concordam com o núcleo do SN₂. Já no século XXI, foram 88% das ocorrências com o verbo no singular e apenas 12% dos casos com o verbo no plural.

Verificamos que, no século XIX, embora as regras preconizassem que o verbo deveria ficar no plural, os dados aqui levantados nos mostraram que a preferência era pela forma no singular, e tal preferência continua no século XXI. Como nossa pesquisa não lidou com dados do século XX, não podemos afirmar que também naquele século permaneceu essa tendência.

Isso posto, compreendemos que esta pesquisa cumpriu com os objetivos propostos, uma vez que analisou o comportamento da concordância verbal em estruturas partitivas e verificou a tendência para o uso do verbo no singular tanto em jornais do século XIX quanto do século XXI, confirmando, então, nossa expectativa.

Acreditamos que o presente trabalho tenha contribuído para os estudos da Linguística Histórica e para aqueles (i) que queiram dar continuidade a este assunto, ampliando o escopo da pesquisa com dados orais a fim de verificar se estamos diante de mudança em progresso; (ii) que se interessem por ampliar os corpora dos períodos analisados a fim de levantar mais dados e confirmar ou não os resultados aqui apresentados.

Referências

- A Imprensa Minas Geraes. **Imprensa Oficial de Minas Geraes**. Ouro Preto: 1894. 534 p.
- APM. Arquivo Público Mineiro. <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>> Acesso em: 29 jul. 2021.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1994.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hu- citec, [1929] 1973.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. Orientador: Maria Marta Pereira Scherre. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, [S. l.], 2016. 155 p.
- BNDigital. Biblioteca Nacional Digital Brasil. <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-de-minas>> Acesso em: 02 jul. 2021.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CASTRO, Douglas Caputo de; OLIVEIRA, Luiz Ademir de. **O posicionamento do jornal Estado de Minas na eleição de Belo Horizonte em 2008**. Universidade Federal de São João del Rei, [s. l.], 2010.
- CHAVES, Fernando de Resende; PAIVA, Vanessa Maia Barbosa de; OLIVEIRA, Luiz Ademir de. Eleições 2010: os cenários políticos da corrida presidencial e da disputa pelo governo de Minas Gerais construídos pelo jornal O Tempo. **Revista Científica da Faminas**, [s. l.], abr. 2012.
- COSTA, Adriana Vidal; RIBEIRO, Ewerton M. **Estado de Minas: do jornalismo literário à escrita técnica**. Revista de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul./dez. de 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Trad. Do professor Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CUNHA, Celso. **Língua Portuguesa e realidade brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CUNHA, Celso e CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos. Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 2002.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

GAMEIRO, Maria Beatriz. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: Uma avaliação de fatores linguísticos e sociais**. Orientador: Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos. 2009. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2009. 220 p.

GOMES, Rui José Lopes. **As expressões partitivas com percentagem e a dupla possibilidade de concordância sujeito-verbo**. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Letras, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. 125 p.

HACKEROTT, Maria Mercedes. As lições de Said Ali (1861-1953): uma abordagem historiográfica. In BASTOS, Neusa B.; PALMA, Dieli V. (ORGS.). **História Entrelaçada, 3: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAGARES, Xoán Carlos. Minorias Linguísticas, Políticas Normativas e Mercado. In: BAGNO, Marcos & LAGARES, Xoán Carlos (Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 169-192.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 63-92

MAIA, João Paulo Ferreira. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza - CE**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. 111 p.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa, Ed. Caminho, 1983.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MENDES, Jairo Faria. **O "Silêncio" das Gerais: O nascimento tardio e a lenta consolidação dos jornais mineiros**. Orientador: José Marques de Melo. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, [S. l.], 2007. 222 p.

MENDES, Soélis Teixeira do Prado. **A ausência/presença do artigo definido diante de nomes próprios no português mineiro da comunidade de Barra Longa: um caso de retenção?** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

MONTEAGUDO, Henrique. Variação e norma linguística: Subsídios para uma (re)visão. In: BAGNO, Marcos & LAGARES, Xoán Carlos (Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 15-48.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Historica**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.

PERES, J. A. e MÓIA, T. **Áreas Críticas da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. SP: Ática,

RAMOS, Flávia Tavares da Costa. **O uso variável da concordância verbal na língua falada e escrita em uma escola regular do Recife**. Orientador: Claudia Roberta Tavares Silva. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2019. 262 p.

REZENDE, Irene Nogueira de. O Universal: Um jornal mineiro no tempo da Regência (1825-1842). **XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009. 8 p.

RIBEIRO, Júlio. **Grammatica Portugueza**. 2. ed. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885. 400 p.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. [1972] **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

ROCHA LIMA, 1915-1991. L71g. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Erica dos Santos. O processamento da concordância verbal com construções partitivas no português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 147-168, jun. 2005.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua português**. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SANDOVAL, Alzira Neves. **O emprego de DPs plurais encaixados licencia(m) dupla concordância**: Concordância verbal com sujeitos complexos. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, [S. l.], 2018. 157 p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. (orgs.) BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert. [trad.] Antônio Chelin, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

SCHERRE, M. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. In: **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português**. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12, 1994. 14 p.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. **Concordância verbal em português**: o que nos revela o período arcaico. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2005. 105 p.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968.

WIKIPEDIA. O Tempo (jornal). Disponível em
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_\(jornal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_(jornal))> Acesso em: 25 jun. 2020.

WIKIPEDIA. Estado de Minas. Disponível em
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_de_Minis> Acesso em: 25 jun. 2020.